



VOZ DA FÁTIMA

Maria levantou-se e partiu apressadamente

EDITORIAL

O maior evento católico alguma vez vivido em Portugal

Pe. Carlos Cabecinhas

A Jornada Mundial da Juventude é o maior evento católico alguma vez vivido em Portugal: um momento único, que envolve e compromete não apenas a diocese de Lisboa, que acolhe a JMJ, mas toda a Igreja em Portugal. Aliás, no final deste mês de julho, milhares de jovens estarão disseminados por todos o país, em todas as dioceses, antes de confluírem para Lisboa, para o encontro com o Papa Francisco.

Trata-se de uma grandiosa peregrinação, não a um dos santuários de Portugal, mas ao “santuário efêmero” em que se transformará Lisboa nos primeiros dias de agosto. Esta grande peregrinação, que conta com vários momentos celebrativos e com a oportunidade dada aos jovens de celebrarem o sacramento da Reconciliação, porque a dimensão penitencial é constitutiva da peregrinação, terá o seu ponto culminante na celebração da Eucaristia, presidida pelo Santo Padre. Esta peregrinação – a JMJ – tem uma evidente dimensão festiva: é por excelência a festa da juventude católica. Não se trata apenas do Festival da Juventude, mas, de modo mais geral, do encontro festivo de jovens vindos dos mais diversos países do mundo, dos cinco continentes, é enriquecedor quer para quem acolhe, quer para o que é acolhido. Esta é também uma afirmação da catolicidade e da Igreja, da sua universalidade. Mostra o rosto jovem da Igreja, um rosto tantas vezes distraidamente ignorado, mas não menos real. A JMJ oferece também uma oportunidade única de evangelização dos jovens, mas também de nova evangelização em Portugal, através do testemunho de vivência da fé dos jovens que se congregam em Portugal.

Fátima não podia alhear-se deste momento especial da vida da Igreja universal e deste acontecimento único na vida da Igreja em Portugal. Por um lado, o Papa Francisco disse várias vezes que desejava voltar a Fátima, por ocasião da JMJ de Lisboa. Não temos dúvidas que serão muitos os jovens que estarão em Fátima, para rezar com o Papa, sobretudo alguns jovens doentes e deficientes, que não poderão deslocar-se a Lisboa. Se a visita do Papa é, para o Santuário, uma ocasião especialmente significativa, o envolvimento do Santuário vai bem mais além da visita papal. O Santuário tem vindo a preparar-se para acolher os milhares de jovens que visitarão o Santuário. Temos propostas de itinerários espirituais para os jovens que visitam o Santuário, mas também itinerários físicos para a experiência da peregrinação a pé a Fátima; temos propostas formativas, para os jovens que desejarem conhecer mais e melhor a mensagem de Fátima; oferecemos propostas celebrativas, nomeadamente celebrações internacionais, expressão da universalidade eclesial. Também os aspetos práticos e logísticos, relacionados com o acolhimento, nos mereceram a devida atenção e cuidado.

Fátima não pode alhear-se deste momento único, porque os jovens são já presença regular em Fátima e porque a mensagem de Fátima é também para os jovens.

O Santuário convida todos os jovens a vir a Fátima por ocasião da pré-Jornada e da Jornada Mundial da Juventude e convida todos, independentemente da idade, a acolher o Santo Padre, aqui, em Fátima, no dia 5 de agosto.

Irmã Lúcia a caminho da beatificação

Virtudes heroicas da irmã Lúcia de Jesus reconhecidas pelo Vaticano. Santuário alegra-se com este passo. Reitor fala em momento de grande “alegria e responsabilidade”.

Carmo Rodeia

O Papa abriu no dia 22 de junho caminho à beatificação da Irmã Lúcia de Jesus, a mais velha dos três videntes de Fátima e figura central no conhecimento e divulgação da Mensagem dirigida à humanidade por Nossa Senhora nas Aparições na Cova da Iria, em 1917.

Francisco aprovou a publicação do decreto que reconhece as “virtudes heroicas” da religiosa Carmelita, após uma audiência concedida na manhã desse dia ao prefeito do Dicastério para as Causas dos Santos (Santa Sé), cardeal Marcello Semeraro.

No Santuário os sinos tocaram a repique e o Reitor presidiu a um breve momento de oração na Capelinha das Aparições, acompanhado dos funcionários do santuário e dos peregrinos que ali se encontravam.

“É um momento de grande alegria mas também de responsabilidade, que nos compromete a todos” disse o padre Carlos Cabecinhas. (ver páginas 2 e 3)

A Irmã Lúcia de Jesus nasceu a 28 de março de 1907, em Fátima, filha de Maria Rosa e António dos Santos. Dois dias depois foi batizada e aos 6 anos fez a sua Primeira Comunhão, na Igreja Paroquial. Aos 10 anos, com os primos S. Francisco e S. Jacinta Marto, foi agraciada com as aparições do Anjo de Portugal (1916) e da Virgem Maria (1917), em Fátima.

Após a morte dos primos, totalmente comprometida com a missão que recebeu da parte de Deus, através das mãos da Senhora do Rosário – Jesus quer servir-se de ti para me fazer conhecer e amar – Lúcia deixa a sua terra natal e parte para o Porto, com apenas 14 anos. No desejo de se entregar exclusivamente a Deus, ingressa



no Instituto das Irmãs de Santa Doroteia em 1925, onde permaneceu até 1948.

O seu percurso como Religiosa Doroteia foi maioritariamente vivido em Espanha, onde teve as duas Aparições que completam o ciclo da mensagem de Fátima, com os pedidos da Devoção dos Primeiros Sábados (1925), em Pontevedra, e da Consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Maria (1929), em Tuy. Ainda durante este tempo, por ordem do Bispo de Leiria, escreve as suas primeiras Memórias, dando assim início a um dos meios através do qual divulgará a mensagem de Fátima: a sua obra escrita.

Aspirando a um maior recolhimento e entrega ao Senhor e ao serviço da mensagem de Fátima, entrou no Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra, a 25 de março

de 1948, onde permaneceu até à sua morte.

Uma das principais virtudes que marcam a espiritualidade desta religiosa é a humildade. Diante da enorme quantidade de cartas que recebe ou de pessoas que a procuram, dirá sempre, com clarividência, que tudo “é por causa de Nossa Senhora”. Ao mesmo tempo, Lúcia tem uma consciência clara da sua missão: sabe-se profeta de uma mensagem que o Céu lhe confiou, ainda menina, e à qual será fiel até ao fim, com perseverança, ousadia e coragem. Nada a detém quando se trata de anunciar o que o Imaculado Coração de Maria lhe comunicara, e esta determinação vê-se refletida no seu pensamento e na sua escrita, aliada a uma profunda sensibilidade poética.

(continua na página 2)

Irmã Lúcia a caminho da beatificação

A obediência, a alegria e a fidelidade são a atmosfera em que Lúcia desenvolve a sua vocação como carmelita e a sua missão como profeta da mensagem de Fátima, vivendo sempre a sua consagração com um profundo espírito eclesial.

O eixo central da sua vida foi a intimidade com Deus, alimentada pela adoração eucarística. Contudo, na sua oração não esquece o Santo Padre, a unidade da Igreja, a conversão dos pecadores, a sua comunidade e a multidão silenciosa que, de todo o mundo, se recomendava às suas orações. De facto, ao Carmelo de Coimbra chegaram milhares e milhares de cartas com o rumor de tantas necessidades e intenções. A cela da irmã Lúcia, terreno sagrado que testemunhou a entrega silenciosa desta mulher, tornou-se num lugar com uma dimensão universal.

A 25 de março de 1984, viu finalmente cumprir-se a Consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria, quando o Santo Padre em união com todos os Bispos realizou o pedido de Nossa Senhora, para o qual Lúcia se empenhou arduamente.

Uma das maiores exigências da sua longa vida foi certamente a de viver em harmonia a espiritualidade do Carmelo e a da Mensagem de Fátima, conciliando a dimensão mística e profética da sua vocação e missão.

A partir do ano 2000, após a Beatificação dos seus primos e a publicação da terceira parte do Segredo, Lúcia sente que a sua missão está cumprida e cresce em si o desejo do céu, para onde parte no dia 13 de fevereiro de 2005, com 97 anos de idade. Os seus restos encontram-se sepultados na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, em Fátima, desde o dia 19 de fevereiro de 2006.

O dia 15 de fevereiro de 2005, por decisão do Governo português, foi um dia de luto nacional pela morte desta “figura ímpar da igreja e do século XX portugueses”, acrescentando o Decreto que “a Irmã Lúcia foi uma das mulheres cuja atuação marcou mais profundamente a sociedade portuguesa atual”.

A Igreja e a sociedade portuguesas estão, assim, gratas a esta humilde carmelita pela luz de Cristo de que a sua vida foi transparência e irradiação.

(A nota biográfica é da autoria da irmã Ângela Coelho, vice-postuladora da Causa de Beatificação e Canonização da irmã Lúcia de Jesus)

Lúcia de Jesus: o reconhecimento histórico e universal de uma santidade vivida na clausura, que não ignorou o mundo

Carmo Rodeia

Depois do Papa ter aprovado o Decreto, que sublinha as virtudes heroicas da vidente de Fátima, espera-se para breve a leitura do texto onde são enaltecidas as características desta nova venerável da Igreja. Este é um passo central no processo que leva à proclamação de um fiel católico como beato, penúltima etapa para a declaração da santidade; para a beatificação, exige-se o reconhecimento de um milagre atribuído à intercessão da agora venerável Lúcia de Jesus. A Voz da Fátima apresenta nesta edição quatro reações de responsáveis que acolheram “com grande alegria” a decisão do Santo Padre.

“Portadora de uma mensagem que interiorizou na sua própria espiritualidade”

O cardeal D. António Marto, bispo emérito da diocese de Leiria-Fátima, destaca a “forma discreta e humilde” como Lúcia viveu o seu amor a Deus, a Nossa Senhora, à Igreja e a toda a humanidade.

“Ela viveu toda esta dimensão e espiritualidade de forma discreta e humilde, procurando a verdade e não a notoriedade, sempre escondida mas sempre presente a todos”.

Por isso, sublinha: “esta sua espiritualidade, santidade e virtudes são muito humanas: ela não era uma extraterrestre, não vivia fora da nossa órbita; foi humana e muito feminina, uma mulher inteligente e perspicaz, desembaraçada e solidária, cheia de alegria e humor contagiante como testemunham as irmãs do Carmelo”.

O prelado, que agora pertence também ao Dicastério para as Causas dos Santos, destaca a dimensão “histórica e universal da santidade” que este momento significa e que, no caso de Lúcia, embora tenha sido vivida dentro do mosteiro, na clausura, numa dimensão contemplativa, “não estava alheia à vivência e aos problemas quer da Igreja quer do mundo”, que estava mergulhado “no inferno de duas guerras e uma Igreja altamente perseguida, vítima de um ateísmo militante”.

“Ela foi portadora de uma



mensagem que transmitiu à Igreja e ao Mundo mas que interiorizou profundamente na sua espiritualidade. E, conclui ressaltando quatro aspectos da espiritualidade de Lúcia: “a sua paixão pela beleza de Deus e do seu amor”; “a sua devoção e confiança no Coração Imaculado de Maria”, que dizia ser símbolo do amor e da misericórdia de Deus; “o seu amor à Igreja e à humanidade” vivido sempre com compaixão e a “oferta da sua vida a Deus em favor da humanidade”, o que “é muito interpelador para a Igreja de hoje, quando assistimos a uma espécie de eclipse cultural, de esquecimento e de indiferença em relação a Deus”, conclui o cardeal português.

“Esperamos agora que surja depressa um milagre para podermos participar na grande festa da sua Beatificação e Canonização”.

“Lúcia é o exemplo do efeito da mensagem de Fátima junto de quem se aproxima dela”

O bispo da diocese de Leiria-Fátima, D. José Ornelas Carvalho, considera uma “alegria” para todos os que “amam Fátima e se deixam inspirar pela presença de Maria” o reconhecimento das virtudes heroicas de Lúcia de Jesus.

“Primeiro porque os pastinhos não ficariam completos sem Lúcia, mas sobretudo porque foi ela que deu a conhecer as memórias de todo o acontecimento de Fátima” refere o prelado.

“Se os dois primeiros pastori-

nhos representam a idade da infância, aqueles que foram objeto do especial carinho de Maria, Lúcia representa a idade adulta, a idade da razão, das memórias meditadas, amadurecidas e transmitidas pela sua própria pena” prossegue D. José Ornelas recordando que mais do que disse “foi a sua própria vida que deixa a marca”.

“Ela confirma os efeitos que a mensagem de Fátima traz às pessoas que dela se aproximam e que por ela se deixam influenciar, numa completa dedicação ao Senhor”, conclui, fazendo votos de que os três possam vir a ser venerados nos altares da Igreja.

“Uma figura marcante no século XX português e na Igreja, apesar da sua vida discreta”

A declaração de reconhecimento das virtudes heroicas da irmã Lúcia é para o santuário de Fátima um motivo de “alegria carregada de responsabilidade”.

“É o reconhecimento de Fátima como escola de santidade e a mensagem de Fátima como um caminho de comunhão com Deus e é isso que vemos espelhado na vida da irmã Lúcia, o que nos responsabiliza para melhor dar a conhecer a vida da Irmã Lúcia” afirma o padre Carlos Cabecinhas.

“Se a Igreja reconhece a heroicidade das suas virtudes é fundamental que procuremos dar a conhecer melhor e mais profundamente a vida desta venerável, que procurou viver de forma intensa a sua relação com Deus”, afirma ainda o responsável.

Além da responsabilidade de divulgação desta “exemplaridade de vida” há também uma responsabilidade na promoção da oração para que ocorra um milagre que permita o fim do processo “como todos esperamos”.

“Se a obra é de Deus, compete-nos a nós rezar e ter esta intenção na nossa oração de forma permanente” refere o reitor salientando a forma como esta religiosa, agora venerável, se afirmou no século XX.

“Foi uma figura marcante no século XX português, uma figura marcante na Igreja apesar da sua vida discreta”, conclui.

“É uma alegria ter esta mulher como companheira de viagem e de caminho”

“Lúcia reúne em si toda a espiritualidade da mensagem de Fátima e também a espiritualidade do Carmelo; mas é uma figura que ultrapassa os limites deste espaço físico de Fátima e do Carmelo, porque Lúcia é uma figura universal. Creio que pode ser uma fonte inspiradora para tantos de nós que caminhamos em busca do Senhor, que passamos por momentos difíceis, por momentos confusos” refere a vice-postuladora da Causa de Beatificação e Canonização de Lúcia de Jesus.

Deste momento “importante e alegre” fica-nos “um rasto de Luz que a Irmã Lúcia vai deixando e os seus apelos”, diz a Irmã Ângela Coelho.

“Ela fez eco do que Nossa Senhora quis transmitir a toda a humanidade, o seu grande desejo da oração, da oração do terço, da entrega a Deus, da consagração... são tudo sinais deste rasto de luz que Lúcia vai deixando a cada um de nós neste momento, particular, em que também precisamos de figuras luminosas, que nos levantem o olhar e nos continuem a dar esperança”, sublinha ainda.

A religiosa, que já foi também a postuladora da Causa de Canonização dos santos Francisco e Jacinta Marto, os dois outros videntes do acontecimento de Fátima e primos de Lúcia, destaca a importância do momento para a Causa e pede oração para que um milagre possa acontecer e prosseguir o processo.

“Pedimos aos peregrinos que se encomendem a ela; que peçam graças à Irmã Lúcia. Falta um milagre primeiro para a beatificação e depois outro para a canonização. Mas não é só pelos milagres que podemos obter e que fazem falta para o processo da causa avançar; é também pela alegria que sei que é ter esta mulher como companheira de viagem e como amiga”, conclui, agradecendo ao Papa e ao Dicastério por terem aprovado o decreto que reconhece as virtudes heroicas da religiosa carmelita.

1907-03-28

Lúcia de Jesus nasce em Aljustrel, freguesia de Fátima, concelho de Ourém.

1916

Segundo os relatos da própria, Lúcia, com os seus primos Francisco e Jacinta Marto, vê, por três vezes, um Anjo.

1917-05-13 a 1917-10-13

Segundo o testemunho dos três videntes, Lúcia, com os seus primos Francisco e Jacinta, vê por seis vezes a Virgem Maria na Cova da Iria e nos Valinhos, Aljustrel.

1919-07-31

O pai de Lúcia, António dos Santos (1868-1919), morre em Aljustrel.

1921-06-16

Lúcia deixa Fátima e entra, no dia seguinte, no Asilo de Vilar, no Porto, tomando o nome de Maria das Dores. Segundo o seu testemunho, ao deixar Fátima, sente, uma vez mais, a presença da Virgem Maria (sétima aparição).

1922-01-05

Lúcia redige o seu primeiro relato sobre as aparições de 1917.

1925-10-24

Lúcia, aos 18 anos de idade, parte para Pontevedra, na Galiza, para iniciar a formação religiosa na Congregação das Irmãs de Santa Doroteia.

1925-12-10

Segundo o testemunho da vidente, Lúcia vê a Virgem Maria e o Menino Jesus, em Pontevedra.

1926-02-15

Segundo o testemunho da vidente, Lúcia vê o Menino Jesus, em Pontevedra.

1926-10-02

Lúcia toma o hábito de noviça na Congregação das Irmãs de Santa Doroteia, em Tuy, com o nome de Maria das Dores.

1928-10-03

Lúcia faz a profissão religiosa de votos temporários na Congregação das Irmãs de Santa Doroteia, em Tuy.

1929-06-13

Segundo o testemunho da vidente, Lúcia tem a visão da Santíssima Trindade e da Virgem Maria, em Tuy.

1934-10-03

Lúcia faz, em Tuy, a profissão religiosa de votos perpétuos na Congregação das Irmãs de Santa Doroteia.

1935-12-25

Lúcia termina a redação do escrito que viria a ser conhecido como Primeira Memória, em resposta ao pedido de D. José Alves Correia da Silva (1872-1957), bispo de Leiria, para que descrevesse o que recordava dos acontecimentos de 1917 na Cova da Iria e, em concreto, da vida e personalidade de sua prima Jacinta Marto).

1937-11-21

Lúcia termina a redação da Segunda Memória, pedida pelo bispo de Leiria, na qual descreve com pormenor, pela primeira vez, as aparições do Anjo.

1940-10-24

Lúcia redige uma carta ao papa Pio XII (1876-1958), na qual solicita a consagração do Mundo ao Imaculado Coração de Maria.

1941-08-31

Lúcia termina a redação da Terceira Memória, a pedido do bispo de Leiria, na qual fixa, pela primeira vez, as duas primeiras partes do Segredo de Fátima.

1941-12-08

Lúcia termina a redação da Quarta Memória, pedida pelo bispo de Leiria.

1942-07-16

A mãe de Lúcia, Maria Rosa (1869-1942), morre em Aljustrel.

1944-01-03

Lúcia redige o manuscrito com o conteúdo relativo à Terceira Parte do Segredo de Fátima, cujo teor será revelado no ano 2000.

1946-05-16

Lúcia regressa a Portugal, ficando a residir no Colégio do Sardão, no Porto.

1946-05-20 a 1946-05-22

Lúcia visita Fátima (Cova da Iria, Loca do Cabeço, Valinhos, Igreja Paroquial e Aljustrel).

1948-03-25

Lúcia ingressa no Carmelo de Santa Teresa, no Penedo da Saudade, em Coimbra. Embora vivendo em clausura, estabelece contacto com muitos dignatários da Igreja e com muitos fiéis que, por carta, lhe escreviam das diferentes partes do mundo. Segundo os seus relatos, continuará a ter experiências místicas que descreve como visitas ou encontros íntimos com a Virgem Maria.

1948-05-13

Lúcia faz a Tomada de Hábito, no Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra.



CRONOLOGIA

IRMÃ MARIA LÚCIA DE JESUS E DO CORAÇÃO IMACULADO, OCD

(1907-2005)*Pelo Departamento de Estudos
do Santuário de Fátima***1949-05-31**

Lúcia faz a profissão religiosa de votos perpétuos, no Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra, com o nome de Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado.

1967-05-13

Lúcia desloca-se a Fátima para participar na celebração do Cinquentenário das Aparições e encontra-se com o papa Paulo VI (1897-1978).

1980-08-03 a 1980-08-17

Lúcia desloca-se ao Carmelo de S. José, em Fátima, para acompanhar os trabalhos da Irmã Maria da Conceição na produção pictórica de um conjunto de telas sobre as Aparições de Fátima.

1982-05-13

Lúcia encontra-se com o papa João Paulo II (1920-2005), em Fátima, no decorrer da primeira peregrinação deste pontífice ao Santuário da Cova da Iria.

1989-02-23

Lúcia termina a redação da Quinta Memória, pedida por Monsenhor Luciano Guerra (1932-), Reitor do Santuário de Fátima, na qual aborda, sobretudo, a figura de seu pai.

1991-05-13

Lúcia encontra-se com o papa João Paulo II, em Fátima, no decorrer da segunda peregrinação deste pontífice ao Santuário da Cova da Iria.

1993-03-25

Lúcia termina a redação da Sexta Memória, pedida por Monsenhor Luciano Guerra, Reitor do Santuário de Fátima, na qual aborda, sobretudo, a figura de sua mãe.

2000-04-27

Lúcia encontra-se com o cardeal Tarcísio Bertone, enviado do papa João Paulo II, para análise do manuscrito com o conteúdo relativo à Terceira Parte do Segredo de Fátima. A vidente confirma a autenticidade do documento no decorrer deste encontro.

2000-05-13

Lúcia encontra-se com o papa João Paulo II, em Fátima, no decorrer da terceira peregrinação deste pontífice ao Santuário da Cova da Iria. Neste dia, foram beatificados Francisco e Jacinta Marto e foi revelado publicamente, pelo cardeal Angelo Sodano (1927-2022), o conteúdo da Terceira Parte do Segredo de Fátima.

2000-05-16

Lúcia visita, em Fátima, os locais da sua infância, tais como a Loca do Cabeço, os Valinhos, a aldeia de Aljustrel e a Igreja Paroquial.

2000

Da autoria de Lúcia, é publicada a primeira edição do livro *Apelos da Mensagem de Fátima*, cuja redação foi iniciada nos anos 70 do século XX e ultimada em 1997.

2005-02-13

Lúcia morre no Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra.

2005-02-15

Representando o papa João Paulo II, o cardeal arciepis Bertone preside às exéquias de Lúcia, tendo a vidente sido sepultada no Carmelo de Santa Teresa de Coimbra.

2006-02-19

Os restos mortais de Lúcia foram trasladados para a Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, no Santuário de Fátima.

2006

Da autoria de Lúcia, é publicada, a título póstumo, a primeira edição do livro *Como vejo a Mensagem através dos tempos e dos acontecimentos*, cuja redação havia sido iniciada depois de 1983.

2008-02-13

A abertura do Processo de Beatificação e Canonização de Lúcia é autorizada pelo papa Bento XVI (1927-2022), dispensando a necessidade de aguardar cinco anos após a morte para a abertura de um processo desta natureza.

2008-04-30

O Processo de Beatificação e Canonização de Lúcia é iniciado por D. Albino Cleto (1935-2012), bispo de Coimbra.

2017-02-13

A fase de Inquérito Diocesano do Processo de Beatificação e Canonização de Lúcia é encerrada solenemente, numa sessão presidida por D. Virgílio Antunes (1961-), bispo de Coimbra.

2022-10-13

A Positio do processo de Lúcia é entregue no Dicasterio para a Causa dos Santos, no Vaticano.

2023-06-22

Aprovação da promulgação do decreto que reconhece as virtudes heroicas de Irmã Lúcia de Jesus.

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
N.º de Registo na ERC 127626, 23/07/2021
Publicação Doutrinária

Redação e Administração

Diretor: Padre Carlos Manuel Pedrosa Cabecinhas
Redacção: Gabinete de Comunicação do Santuário de Fátima
Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone 249 539 600
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redacção: press@fatima.pt
www.fatima.pt

Assinatura Gratuita

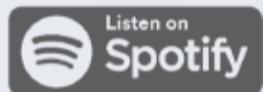
Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL
*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima
(Morada do Santuário, com indicação "Para VF - Voz da Fátima")
Não usar para pagamento de quotas do MMF
Impressão
FIG, Indústrias Gráficas, S.A.
Rua Adriano Lucas, nº161 | 3020-430 Coimbra

#FÁTIMA NO SÉCULO XXI

Carolina Freitas

Entrevista disponível em
www.fatima.pt/podcast

Também disponível em:



“Fátima é multidão que caminha num canto que chega ao Céu”

Jovem da Ordem Secular dos Carmelitas integra grupo que participará na Jornada Mundial da Juventude. Trocou Felgueiras por Fátima, depois de uma peregrinação como voluntária, aquando do Centenário das Aparições. É a convidada do podcast #fatimanoseculoXXI.

Carmo Rodeia

A ideia de que Fátima se vive e se percebe através da experiência do lugar é uma das ideias mais difundidas e da qual Carolina Freitas é um dos muitos exemplos de concretização. Natural de Felgueiras, trocou a sua cidade natal pela Cova da Iria depois de, em 2017, ter acompanhado como voluntária uma peregrinação de idosos a Fátima, durante a visita do Papa. “O encontro com o Papa mudou a minha vida”, refere a jovem numa conversa para o podcast #fatimano-seculoXXI, que está disponível em www.fatima.pt/podcast ou nas plataformas digitais iTunes e Spotify.

“É fácil apreendermos esta espiritualidade de Fátima assim que aqui chegamos: o silêncio e o recolhimento colocam-nos num patamar diferente “em que a vontade de agir dá lugar à escuta”, com um desejo “de um encontro real e efetivo com Deus”.

“O acontecimento, a mensagem e depois a experiência do lugar criam condições para entrarmos num autoconhecimento que nos coloca à escuta, sobretudo, à escuta do que Deus nos quer dizer”, diz a jovem que trabalha com jovens institucionalizados.

“A experiência do lugar é importante porque aqui sentimos o colo da mãe: Maria é aquela que socorre o filho no momento da queda, e é isso que Ela faz aqui em Fátima de uma maneira muito bonita com cada um de nós e com a humanidade inteira”, refere, ainda, lembrando que “Fáti-

ma é uma multidão que caminha num canto que chega ao Céu”.

Por isso, adianta logo, “esta mensagem é muito apelativa para os jovens e é de fácil apreensão. Quem não tem uma mãe ou não a quer ter?”, interpela.

“Habitualmente vemos muita gente a dizer que as coisas da Igreja estão fora de moda; o perdão nunca está fora de moda, e Maria é isto: a expressão do perdão”, acrescenta.

“Caímos e pecamos, mas é para começar e recomeçar sempre e, a partir do exemplo de Maria e do seu colo materno, percebemos que há sempre alguém que nos ajuda a levantar, desde que nós aceitemos fazê-lo”.

“A maneira de evangelizar já não pode ser só a piedade! É importante a oração ritual que a Igreja nos ensina, mas temos de ir mais longe, sobretudo, porque temos de ajudar a fazer caminho para chegar à oração verdadeira”.

Questionada sobre o que Fátima pode dizer aos jovens, Carolina Freitas avança: “dar uma nova compreensão sobre os valores; ajudar a construir uma fé esclarecida, com toda a simplicidade, como os Pastorinhos”.

“Nossa Senhora mostrou-lhes Jesus, e eles aceitaram ser seus amigos. É isto que temos de fazer: ensinar a amizade de Jesus, o que é amá-Lo e o que é fazer a sua vontade”.

“A Jornada Mundial da Juventude pode ser essa oportunidade”, sublinha, destacando, no entanto, que não se pode ficar apenas pelo evento. “A Igreja tem de se abrir, mostrando que é feita de homens e de mulheres que não são perfeitos, que caem, têm vulnerabilidades, mas que estão sempre disponíveis para a conversão”, adianta ainda.

“Se olharmos para São João da Cruz, Santa Teresinha do Menino Jesus, Santa Teresa de Ávila, estudando-os, percebemos que foram pessoas reais, que ‘se passaram’, que bateram o pé a Jesus, que viveram noites escuras completas, mas que, acima de tudo, souberam ter a confiança e colocar as coisas do mundo no sítio certo”.

Francisco e Jacinta fizeram também esse percurso, acrescenta: “vamos ter calma e ouvir o que Deus nos quer... Quando nos encontramos para tomar o café com um amigo não somos só nós que falamos, temos de ouvir. Para nos encontrarmos com Jesus, também temos de O saber ouvir, como o

Francisco fazia”, quando dizia à Jacinta e à Lúcia que preferia ficar a “fazer companhia a Jesus” em vez de ir para a escola.

“Quando paramos e refletimos, tudo começa a ser relativizado. Francisco é este convite à paragem, ao encontro através da escuta, porque o silêncio permite um melhor discernimento para percebermos o que Deus nos está a pedir e não o que o momento, por moda ou mimetismo, nos pede”.

Quando interpelada sobre o que significa Fátima para os jovens, Carolina Freitas diz de imediato: “confiança”.

“Nossa Senhora mostrou-lhes Jesus, e eles aceitaram ser seus amigos. É isto que temos de fazer: ensinar a amizade de Jesus, o que é amá-Lo e o que é fazer a sua vontade [...] A Jornada Mundial da Juventude pode ser essa oportunidade”

“É preciso parar, pensar nas boas obras, rezar e entregar ao Pai. Foi isso que Nossa Senhora pediu de forma simples aos Pastorinhos, e que eles assumiram no seu íntimo”, refere a jovem. E fizeram-no com grande simplicidade, porque a maioria consegue-se em estado puro, sem as camadas que a vida nos vai colocando”.

Questionada ainda sobre as expectativas em relação à Jornada Mundial da Juventude, Carolina Freitas coloca o enfoque no discernimento vocacional, destacando que se trata de uma “oportunidade” para os jovens refletirem sobre “o caminho para ser feliz”.

“Por vezes, valorizamos muito o sucesso e as coisas materiais, que são importantes”, mas é preciso “ir mais fundo”, conclui.



PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

Padre António Maria Martins, sj (1918-1997)

O padre António Maria Martins, além da vasta obra escrita que deixou sobre a Fátima, fez repercutir a sua Mensagem em Portugal, Espanha e Brasil, levando-a à boleia de uma carrinha onde transportava uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, ao som de cânticos marianos. Neste apostolado, este protagonista foi caracterizado como um “trabalhador incansável, (...) mais propenso para o trabalho individual do que para o coletivo”, “que não se acobardava com obstáculos”.

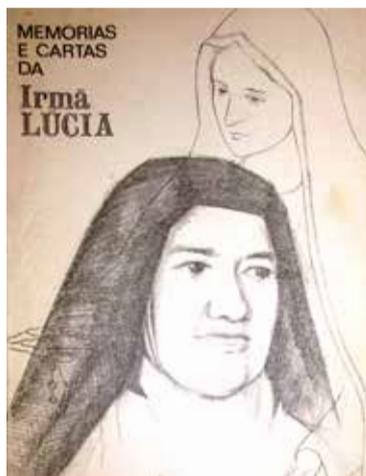
Diogo Carvalho Alves

“Faleceu um grande apóstolo de Fátima”, titulava, em jeito de epitáfio, a notícia da morte do padre António Maria Martins, na edição de maio de 1997 da *Voz da Fátima*.

“Com inquebrantável força de vontade e trabalho insano, conseguiu organizar o mais rico arquivo documental sobre Fátima, depois do existente no Santuário. Dele faz parte o valioso espólio do Reverendo Doutor Sebastião Martins dos Reis. Todo esse material serviu-lhe para a publicação de várias obras sobre Fátima”, escreve o padre Fernando Leite, no corpo do artigo, onde dá conta, além do legado escrito sobre Fátima, de uma “vivência da Mensagem” concretizada também pela sua difusão, apenas “com uma furgonete e um microfone”, em Portugal, em Espanha e no Brasil, onde esteve durante grande parte da sua vida.

Nascido em Roriz, uma freguesia de Santo Tirso, a 8 de novembro de 1918, abraçou, desde tenra idade, a Companhia de Jesus, quando ingressou, aos 15 anos de idade, numa escola apostólica dos Jesuítas, em Guimarães.

Na continuidade dos estudos,



atravessou o Atlântico em direção ao Brasil, onde esteve por três décadas e onde conheceu o padre José Aparício da Silva, que fora confessor da Irmã Lúcia de Jesus. Foi este contacto que lhe despertou um interesse maior pelo acontecimento de Fátima e pela sua Mensagem, nomeadamente pela devoção dos cinco primeiros sábados, da qual se tornou arauto.

Com formação em filosofia e teologia, assumiu na sua vida vocacional um intenso apostolado sobre Fátima, concretamente através dos périplos que fez por paróquias do Brasil, de Portugal e Espanha, e também pelas “abundantes publi-

cações” que redigiu sobre este tema, a primeira das quais dedicada às memórias e cartas da Irmã Lúcia (na imagem).

Após o cinquentenário das Aparições e da vinda do Papa Paulo VI à Cova da Iria, entregou-se à demanda de procurar documentação sobre Fátima, nos vários lugares por onde anunciava a Mensagem.

No total, este protagonista redigiu mais de uma centena de livros e apontamentos sobre Fátima, muitos dos quais traduzidos para castelhano, francês e inglês: um espólio literário que, após a sua morte, foi entregue ao Arquivo do Santuário de Fátima pela Companhia de Jesus.

“Que Nossa Senhora, que o padre António Martins tanto amou e cujo culto tão ardorosamente propagou, tenha repetido as palavras que disse à Lúcia na Aparição de 13 de Junho, em Fátima e que a Vidente afirma não serem só para ela, mas para todos quantos amarem e se consagrarem ao Coração de Maria: ‘O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus’, concluía, em desejo, a notícia, que anunciava a sua morte a 7 de abril de 1997.

A PEÇA DO MÊS

MSF, inv. n.º 4030-OUR.II.2448 | Drapikowski Studio, 2017
Ouro fundido; prata dourada fundida e recortada; prata cinzelada, batida e recortada; vidro; gemas; fragmentos de meteorito e fragmento de pedra do solo lunar | 93 x 62 x 32 cm



Custódia oferecida pelos Católicos Polacos

A custódia, de ouro, prata e prata dourada, assume a forma da Virgem Maria, encontrando-se, sobre o peito da figura, o viril destinado à exposição do Santíssimo Sacramento, circular e envolto por um terço de ouro. A Senhora encontra-se sobre uma semiesfera dourada, na qual repousa, também, um crescente lunar em que se inclui um fragmento de uma pedra da Lua. Desde o crescente lunar elevam-se três drapeados, que se constituem como os contornos laterais da figura, apenas concretizada, escultoricamente, ao nível dos membros superiores e cabeça. A Virgem apresenta-se de braços abertos e com a cabeça ligeiramente inclinada. O seu rosto apresenta uma expressão sorridente. A auréola que envolve a sua cabeça integra-se no resplendor da custódia, mais complexo. Este compõe-se de dois registos, um primeiro com açucenas vazadas e um segundo de raios setiformes de duas alturas diferentes, alternadas. A transição entre os dois registos é feita por gemas engastadas e por doze fragmentos de meteorito.

Esta obra foi oferecida pelos católicos polacos ao Santuário de Fátima com o fim de assinalar o Centenário das Aparições, devendo-se ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima de Zakopane, na Polónia, e à Fundação Anjos de Misericórdia a sua encomenda. A peça foi entregue no dia 24 de setembro de 2017, depois de ter passado por 99 santuários e igrejas polacas.

Museu do Santuário de Fátima

O Segredo de Fátima

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

Considerado um dos temas mais complexos da História e Mensagem de Fátima, o Segredo de Fátima é formado por três partes e, segundo os videntes da Cova da Iria, foi transmitido pela Virgem Maria durante a aparição do dia 13 de julho de 1917. Embora fossem muitas as tentativas para que as crianças revelassem o teor do Segredo, só décadas mais tarde o seu conteúdo viria a ser fixado por escrito e dado a conhecer e, mesmo assim, de forma paulatina.

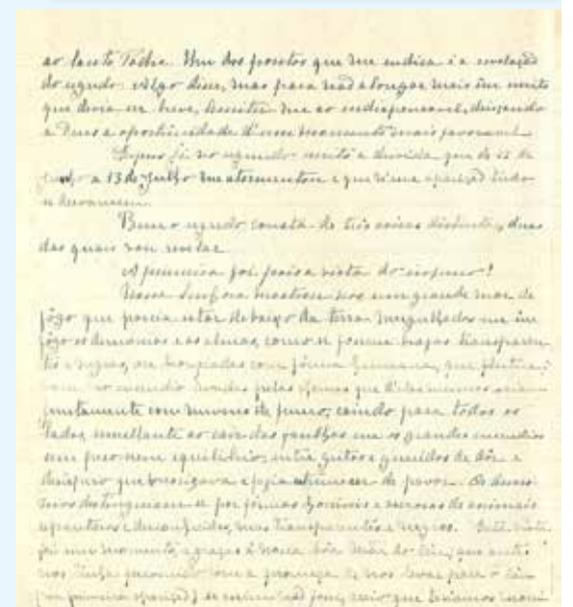
Não obstante se tenha referido à existência do Segredo por várias vezes (em interrogatórios e noutros escritos), é na sua terceira memória que Lúcia de Jesus fixa a primeira e a segunda par-

tes do Segredo de Fátima, informando nessa página: «o segredo consta de três coisas distintas, duas das quais vou revelar». Assim, em 1941, ficava a conhecer-se que a primeira parte do Segredo de Fátima dizia respeito à «vista do inferno» e que a segunda parte dizia respeito «à devoção do Imaculado Coração de Maria».

A terceira parte do Segredo viria a ser escrita em 3 de janeiro de 1944, mas, enquanto as primeiras partes ficaram acessíveis à medida que as memórias de Lúcia foram conhecidas e publicadas, esta última parte foi deliberadamente fechada em vários sobrescritos para vir a ser conhecida mais tarde. Embora houvesse muita expectativa

sobre a revelação pública desta terceira parte do Segredo no ano de 1960, ano que Lúcia apontava para a abertura dos sobrescritos que continham o escrito, a Santa Sé, para onde, entretanto, havia sido enviado o escrito, apenas entendeu revelar o seu conteúdo no ano 2000, no contexto da peregrinação do papa João Paulo II ao Santuário de Fátima, em 13 de maio desse ano. Nesse dia, ficou assim a conhecer-se a terceira parte do Segredo de Fátima, que respeita à Igreja Mártir do tempo contemporâneo. Os escritos de Lúcia sobre o Segredo de Fátima mereceram à Santa Sé um longo comentário teológico da responsabilidade de Joseph Ratzinger, publicado em junho de 2000.

FÁTIMA AO PORMENOR





OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

Nós e eles. Os nossos e os outros. Colonizámos a linguagem com os nossos receios polarizadores. Nem damos conta de que as palavras elevam muros e se fazem pedras atiradas à dignidade das mulheres e dos homens. Mas são pessoas esses que excluimos dos nossos. São também dos nossos, esses outros.

O dicionário diz-nos que o estrangeiro é um «indivíduo que faz parte de uma outra nação». No dicionário, o estrangeiro não está em sua casa. Ele não diz, mas deixa espaço nas entrelinhas para o pensarmos como não sendo um dos nossos. Mas o dicionário nada diz sobre quem é o estrangeiro para si mesmo e em si mesmo, quem é ele na sua casa. Ao dicionário basta-lhe esta oposição binária que nos divide entre um “nós” e um “eles” cujas fronteiras nin-

Mas são pessoas

Pedro Valinho Gomes é investigador nas áreas da Teologia e da Filosofia

guém sabe bem definir (suspeito que porque são imaginárias, uma construção social demasiado fluida para que possa ser precisada numa definição).

Mas são pessoas. Fechamos as portas às pessoas? Na tradição bíblica, a exortação à hospitalidade está no coração e na identidade do povo de Israel. Veja-se a norma inscrita no livro do Levítico 19, 34: «O estrangeiro que reside convosco será tratado como um dos vossos compatriotas e amá-lo-ás como a ti mesmo, porque fostes estrangeiros na terra do Egito». Amá-lo-ás como a ti mesmo. É a conversão do “ele” em “eu”. O estrangeiro é um compatriota longínquo que vem em visita (pode uma pessoa ser, de facto, estrangeira em alguma terra?). A tradição bíblica oferece a chave de uma fraternidade capaz de derrubar as fronteiras interiores que nos habitam: é a hospitalidade, o acolhimento incondicional, o amor (radicalizado no evangelho com essa revolução inaudita do amor dos inimigos).

A respeito desta norma do livro do Levítico, o filósofo Paul Ricoeur comenta: «a hospitali-

dade pode ser definida como a partilha da “minha casa”, o colocar em comum do ato e da arte de habitar. Insisto – diz o filósofo – sobre o vocábulo habitar: é a forma de ocupar humanamente a superfície da terra. É o habitar juntos». Olhar o estrangeiro como coabitante, como compatriota, é, neste tempo dos muros fronteiriços, dos arames farpados e das guerras étnicas, um ato profético denunciando a injustiça e anunciando que outro jeito de ser é possível. Acolher é um jeito de dizer o evangelho. A hospitalidade não é, portanto, apenas um bom sentimento moral ou a oferta de uma esmola generosa. Não é apenas uma questão de política de fronteiras, de balcão e de visto. É fundamentalmente a condição da nossa humanidade. É o que possibilita transformar as nossas fronteiras em abraços. E viver como pessoas.

A graça é que a arte de acolher não é um monólogo, mas um diálogo. Acolher é sempre ser acolhido. O hóspede, esse estrangeiro acolhido, é aquele que se entrega nas mãos de quem dele se faz próximo. Mas aquele que se faz próximo é



© David Peinado | Pexels.com

também ele hóspede do coração do estrangeiro. Duas pessoas entregues nas mãos uma da outra. Porque são pessoas. Como diz Luciano Manicardi, acolhemo-nos uns aos outros «porque somos homens, e para nos tornarmos mais homens, para

humanizar a nossa humanidade e para respeitar e honrar a humanidade do outro. Dar hospitalidade é um ato com que o homem responde à sua vocação humana e realiza a sua humanidade acolhendo a humanidade do outro».



OPINIÃO

Irmã Sandra Bartolomeu

«As que estavam prontas entraram com ele para a sala das núpcias, e fechou-se a porta» (Mt 25,10). Esta expressão da parábola das dez virgens soa a sentença final. E se alguma dúvida nos restasse do carácter derradeiro desta expressão, os versículos que imediatamente se lhe seguem reforçam-no: «Mais tarde, chegaram as outras virgens e disseram: ‘Senhor, senhor, abre-nos a porta!’ Mas ele respondeu: ‘Em verdade vos digo: Não vos conheço’».

Há sempre um momento na vida – se não mesmo, vários – em que a porta se fecha. A pessoa e as relações que tecemos, à semelhança de uma obra de arte, implicam tempo, e nele, o exercício da liber-

«E fechou-se a porta»

dade. Há um tempo próprio para amadurecer e frutificar. No caso da pintura: a decisão sobre a ação, o tempo da reação dos materiais, o tempo da secagem, o tempo da sobreposição, o tempo da depuração, o tempo da fruição, etc. João Jacinto, artista plástico português, afirma ser a data da exposição a pôr termo ao processo criativo das suas obras, em concreto, daquelas que vivem da reação de sucessivas e espessas camadas de tinta. No curso da vida, também chegam inevitavelmente esses momentos, naturalmente ou provocados: o fim de um ano letivo, o prazo limite de uma entrega, a saída dos filhos de casa, um acontecimento decisivo, a chegada inesperada de uma doença, a morte, etc.

Somos despertados da aparente imutabilidade dos dias, para a constatação de que o ser está num constante fluir, que nada é estático. E que o tempo, também ele, um bem criado, é um dom precioso. Existir no tempo é-nos dado como oportunidade gratuita para ser,

amar, construir, desenvolver até à máxima potencialidade os bens que nos foram oferecidos, em resposta de gratidão, suportando quando necessário a exigência que nos vem do dom. Segundo S. João da Cruz: «No entardecer da vida seremos julgados pelo amor». Findado o tempo e como ele a oportunidade para amar, emerge do fundo da consciência a grande pergunta: «O que fizeste com o tempo que te foi dado?»

Depois da forte experiência de Deus, vivida no decurso das Aparições, Jacinta dizia: «Então, não brinquemos mais». A grandeza e a beleza do mistério que nos habita e nos espera é demasiada para “passar o tempo a brincar”. Dela vem a exigência de fazer de todas as ocasiões da vida, até das mais pequenas, até do sofrimento, uma oportunidade para o dom por amor, para «fazer algo bonito para Deus», como dizia a Madre Teresa de Calcutá, e de contribuir com ele para a salvação do outro, enquanto é tempo. Depois, fechou-se a



A Irmã Sandra Bartolomeu é religiosa das Servas de Nossa Senhora de Fátima

porta.

Luiza Andaluz, uma protagonista de Fátima, dizia: «aproveitemos cuidadosamente o nosso tempo, pois foi-nos dado para o fazermos valer por toda a eternidade» (1933).

Enquanto há tempo, há esperança, porque nos é dada a oportunidade para fazer frutificar o dom. Vale-nos a misericórdia de Deus, que fechada a porta, deixa-nos aberta uma janela.

Papa reza na Capelinha das Aparições a 5 de agosto com jovens doentes e com deficiência

Programa da visita inclui oração do terço e uma palavra do Papa a todos os peregrinos que quiserem estar com Francisco na Cova da Iria, na manhã de sábado.

Cátia Filipe

O Papa Francisco regressa a Fátima no dia 5 de agosto, a onde chegará às 8h50, para se dirigir de imediato para a Capelinha das Aparições, a onde presidirá à oração do Terço e dirigirá umas palavras aos peregrinos presentes. Com ele, na Capelinha das Aparições, estarão jovens doentes e com deficiência.

O Santo Padre chegará de helicóptero ao Estádio Municipal Papa Francisco, e seguirá de imediato para o Santuário, a onde ficará todo o tempo que permanecer na Cova da Iria, entre as 9h00 e as 11h00 da manhã de sábado, dia 5 de agosto.

Este regresso ao Santuário acontece seis anos depois por vontade expressa do Papa que desde a primeira hora, quando se conheceu a decisão da cidade escolhida para a realização da Jornada Mundial da Juventude, em janeiro de 2019 no Panamá, sempre disse que quando viesse a Lisboa se deslocaria a Fátima. De resto, na cidade do Panamá, lugar onde decorreu a última Jornada Mundial da Juventude, o Papa Francisco rezou por di-

versas vezes diante da imagem nº 1 da Virgem Peregrina de Fátima, que se deslocou à Jornada a convite direto do Comité Organizador Local, nomeadamente do arcebispo do Panamá José Domingo Ulloa.

O Papa Francisco estará em Portugal de 2 a 6 de agosto, uma deslocação no âmbito da Jornada Mundial da Juventude de Lisboa, que decorre de 1 a 6 de agosto.

Francisco chega ao aeroporto de Figo Maduro no dia 2 de manhã e, de imediato terá um encontro com o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, no Palácio de Belém. Em seguida, um encontro no Centro Cultural de Belém com as autoridades, a sociedade civil e o corpo diplomático. Pelas 16h45, o Santo Padre recebe o Primeiro-Ministro, António Costa, na Nunciatura Apostólica, em Lisboa.

Às 17h30 presidirá à oração de Vésperas com os bispos portugueses, padres e seminaristas bem como alguns agentes pastorais no Mosteiro dos Jerónimos.

No dia 3 de agosto, de manhã, o Papa estará na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa, onde se encontrará com jovens universitários. Por esta ocasião, Francisco irá benzer a primeira pedra do novo edifício da instituição. Ainda durante a manhã o Santo Padre irá ter um encontro com jovens de Scholas Occurrentes, em Cascais. Trata-se de um projeto criado pelo próprio enquanto foi arcebispo de Buenos Aires, que se tem espalhado pelo mundo inteiro.

O Papa Francisco pelas 17h45, participará no Parque Eduardo VII numa celebração de acolhimento com jovens.

No dia 4 de agosto, de manhã, o Papa estará na zona de Confissões, na Praça do Império. Segue-se um encontro com representantes de alguns centros de assistência sócio-caritativa no Centro Paroquial da Serafina. O almoço será com jovens na Nunciatura Apostólica. Participará, ainda nesse dia, às 18h00, na Via-Sacra no Parque Eduardo VII.

No dia 5 de agosto, a manhã é dedicada a Fátima e às 18h00

terá um encontro com membros da Companhia de Jesus em Portugal, no Centro S. João de Brito.

Às 20h45, participará na Vigília da JMJ no Parque Tejo. Será um momento que terá transmissão em direto nos ecrãs do Recinto de Oração do Santuário de Fátima. Nesse dia não se realizará nem o Rosário das 21h30 nem a habitual Procissão das Velas.

No dia 6 de agosto, Francisco presidirá à Missa da JMJ, a partir das 9h00 e que, de novo, terá transmissão em direto no Recinto do Santuário.

Às 16h30 de domingo o Papa encontra-se com os voluntários, no Passeio Marítimo de Algés e às 17h50 partirá de Lisboa, do aeroporto militar de Figo Maduro para Roma, num avião da TAP.

O tema da JMJ Lisboa 2023 é 'Maria levantou-se e partiu apressadamente', uma passagem do Evangelho segundo São Lucas (Lc. 1,39), o tem que anima igualmente o Santuário de Fátima neste ano pastoral.

Os eventos centrais da JMJ incluem a Missa de Abertura, a 1 de agosto, que vai ser presidida por D. Manuel Clemente,

cardeal-patriarca de Lisboa, no Parque Eduardo VII.

Dois dias depois, o mesmo espaço recebe a celebração de acolhimento do Papa; ainda no Parque Eduardo VII, a 4 de agosto, vai ser celebrada a Via-Sacra, colocando os jovens a rezar com Francisco, acompanhados pelo coro e a orquestra da JMJ.

Já no Parque Tejo, entre os municípios de Lisboa e Loures, decorre a Vigília, na noite de 5 de agosto.

Após pernoitarem no local, os peregrinos participam na Missa de Envio, presidida pelo Papa no domingo, dia 6 de agosto; antes de regressar ao Vaticano, Francisco encontra-se com os voluntários da JMJ.

Cada JMJ realiza-se, anualmente, a nível diocesano (inicialmente no Domingo de Ramos e atualmente na solenidade litúrgica de Cristo-Rei), alternando com um encontro internacional a cada dois ou três anos, numa grande cidade; até hoje houve 36 JMJ, com 14 edições internacionais, em quatro continentes, e sete dessas edições decorreram na Europa.



“Julgo que precisamos de um sobressalto missionário”

D. Nuno Almeida entrou em Bragança-Miranda no passado dia 25 de junho. A 12 e 13 de junho presidiu, em Fátima, à peregrinação internacional aniversária, e nesta entrevista reflete sobre a importância da Mensagem de Fátima, a exigência de seguir o Evangelho e a misericórdia de Deus. O prelado reconhece a importância dos Santuários, “um verdadeiro tesouro da Igreja”, mas lembra que as multidões que estes acolhem em vez de “iludir e adiar” devem fomentar “um novo fervor missionário” centrado no encontro pessoal com Cristo.

Carmo Rodeia



O que é que este lugar e esta mensagem dizem ao mundo de hoje?

Fátima continua a ser um lugar onde sentimos a presença de Maria e onde Ela nos indica um caminho para chegar ao Filho. Por outro lado, a mensagem de Fátima é um alerta: uma profecia muito intensa e forte sobre o que significa construir a vida sem Deus e, sobretudo, o risco de cairmos numa espécie de vazio pessoal, espiritual e coletivo que depois pode ser preenchido pelo egoísmo, pelo individualismo. Portanto, há aqui uma chamada de atenção: precisamos de estar muito vigilantes, desde logo, do ponto de vista individual mas também do ponto de vista de Igreja para que a Graça de Deus inunde a nossa vida sempre, a vida das famílias e depois a da sociedade.

Mas continuamos a banalizar o mal...

É verdade. Esta mensagem hoje é tão mais importante porquanto vivemos uma situação em que o mal se banalizou, e nós percebemos bem que a essência do mal é sempre a destruição. Basta vermos o que se passa na Ucrânia e em tantas partes do mundo, em tantas outras situações do dia a dia. E, diante deste mal, Nossa Senhora aparece-nos como Mãe, como que a despertar-nos numa atitude de fidelidade, a convocar-nos para darmos este testemunho.

Sendo uma mensagem simples, é uma mensagem que chega a muita gente...

Neste momento, mesmo o modo como vivemos em Igreja, há a preocupação de acolher e integrar, mas estamos a ser muito tímidos no anúncio e na proposta da medida alta da santidade, da alegria do Evangelho. É claro que este anúncio e esta proposta têm de ser respeitosos, porque quem nos acolhe e quem nos

ouve é sempre livre de dizer que não. Mas, sim, está a faltar-nos a alegria deste coração contagiado pela fé de anunciar. Temos de o fazer pessoalmente, mas depois também como comunidades cristãs, como movimentos. Julgo que precisamos de um sobressalto missionário ao qual Nossa Senhora nos convoca e para o qual nem sempre estamos, ou temos estado, disponíveis.

A perda de relevância da Igreja decorre dessa incapacidade de anúncio e consequentemente de um fechamento progressivo?

Diante das dificuldades e dos erros, podemos correr o risco de nos transformarmos e sermos autorreferenciais. E, se isso acontece, a Igreja deixa de ser relevante...

Nós temos o próprio testemunho do Papa Francisco e os documentos que ele partilhou conosco, nomeadamente a Alegria do Evangelho que é uma espécie de magna carta de uma Igreja em saída. Mas, ao mesmo tempo, este caminho sinodal também nos alerta: não se trata de sair de qualquer maneira, à toa. Saímos se formos consequentes com o Evangelho, isto é, se formos uma comunidade de filhos amados de Deus, comunidades que vivem a fraternidade e a comunhão... Se não for assim, não teremos, de facto, algo para anunciar e dificilmente chegaremos às pessoas, sobretudo às pessoas que não têm fé.

Quando olhamos para manifestações de piedade popular vemos grandes multidões mas depois olhamos para as igrejas que encerram por falta de fiéis. O que é que isso lhe sugere?

Tenho refletido muito nisso nestes sete anos em que estive em Braga, e dou graças a Deus por essas multidões; são um tesouro extraordinário! Os santuários

D. Nuno Almeida

nasceu a 1 de agosto de 1962, em Sátão, diocese de Viseu.

Após o exame da 4.ª Classe, ingressou, em 1972, no Seminário Menor de S. José, em Fornos de Algodres. Concluiu o Curso de Teologia no Seminário Maior de Viseu, no ano letivo de 1983/84.

Após o estágio pastoral na paróquia de Canas de Santa Maria, Tondela, foi ordenado presbítero em Sátão, no dia 19 de outubro de 1986.

No ano letivo de 1989/90, frequentou um curso de aprofundamento teológico-espiritual ministrado pelo Instituto Internacional de Cultura Mystici Corporis (do Movimento dos Focolares), em Loppiano, Florença.

Em 1996, terminou a Licenciatura em Teologia, na Universidade Católica Portuguesa (UCP), no Porto, com a tese O Diálogo com os não crentes.

Em 2006, concluiu o Mestrado na UCP, no Porto, em “Fé e Psicoterapia”, com a tese A Dimensão Sanante da Reconciliação.

Em 2011, terminou o 2.º Grau Canónico do Curso de Doutoramento em Teologia na UCP, no Porto, com a tese Logos e Salvação. Leitura do pensamento de Viktor Frankl em perspetiva teológica.

Em 2016, defendeu, na Universidade Salesiana de Roma, a sua tese de Doutoramento em Teologia Dogmática com o tema Busca de Sentido da Vida e Reconciliação Cristã. Leitura teológica do pensamento de Viktor Frankl.

Como lema episcopal escolheu: “Estou entre vós como aquele que serve” (Lc 22, 27).

É, desde o dia 25 de junho, bispo da diocese de Bragança-Miranda depois de ter sido durante sete anos bispo auxiliar de Braga.

são o exemplo desse tesouro. Congregam pessoas em momentos de peregrinação e em momentos importantes das suas vidas. Mas, quando olhamos para essas multidões, podemos ficar iludidos e podemos adiar essa atitude mais missionária. Avançarmos em pequenos grupos ao redor da palavra de Deus é para mim um caminho essencial. A conversão é pessoal e só depois podemos contagiar os outros.

Há muitas experiências já feitas ao nível das dioceses: temos de convidar as pessoas a fazer esta experiência em pequenos grupos; que as famílias se reúnam por este motivo e não porque haja coisas para fazer. A Palavra de Deus deve ser suficiente para fazermos esses momentos de comunhão e de partilha. Essa palavra tem de estar presente na vida das pessoas, porque se assim não for não há caminho.

Este contacto vital e existencial com o Evangelho não pode ser adiado, e se o não conseguirmos fazer, não estaremos a ser suficientemente diligentes com aquele que é o mandato de Jesus.

Tornamo-nos demasiado funcionais?

No fundo nós precisamos de ter encontros, precisamos até de atividades que têm um carácter cultural e religioso, que congregam e desafiam, mas tudo tem sentido se antes houver um caminho espiritual com uma motivação profunda.

Se Ele está presente e vivo no meio daqueles que se reúnem é importante, mas Ele é o centro, e

temos de nos deter no essencial, no que é central.

Como vê o sínodo que a Igreja vive?

O sínodo sobre a sinodalidade, aparentemente, parece uma redundância mas deve ser visto mais como um laboratório para experimentarmos a comunhão e os seus benefícios e depois avançarmos. No Concílio Vaticano II, na constituição *Lumen Gentium*, está tudo muito claro: na Igreja não é só um que determina o andamento, o rumo, as leis mas, na Igreja, também não é cada um que pode decidir por sua conta e risco, se não é o caos.

O caminho de fé é sempre pessoal, mas depois temos de caminhar juntos. Conciliar esses dois caminhos é o grande desafio, mas só é possível numa total fidelidade ao Evangelho, deixando-nos guiar pelo Espírito Santo, não sendo muito esquemáticos, estando abertos às surpresas e, por vezes, com ritmos diferentes, com menos aceleração, mas um percurso que se faz em profundidade.

Há, portanto, uma importância e relevância da pergunta feita aos três Pastorinhos por Nossa Senhora, no início de tudo, como que a antecipar que sem esse oferecimento e encontro com Ele nada é possível...

Nós não podemos esquecer que no centro da nossa fé está o mistério pascal, a entrega de Cristo até ao fim. E também não o podemos esconder de ninguém.

Percebemos na totalidade o desafio desse mistério e conseguimos levá-lo aos outros?

O primeiro olhar de Jesus é um olhar de amor, de misericórdia e de compaixão, mesmo junto daqueles que vêm ter com Jesus com vidas caóticas, que hoje chamaríamos de irregulares. É um olhar de acolhimento sem condições; mas depois Cristo tem também a capacidade de fazer propostas de que as pessoas não estavam à espera. Veja-se o jovem rico que não foi capaz de dar o passo. Hoje, precisamos de acolher bem, com simplicidade e sem complicações. Mas, diante do subjetivismo, da tentação de criarmos um Deus à medida do que nos convém impõe-se que sejamos capazes de atuar e persistir na fidelidade. Não basta retirarmos do Evangelho apenas aquilo que mais nos convém. Jesus é misericordioso mas é exigente.

Depois da tempestade que foram os abusos, estamos à porta da JMJ que esperamos seja um momento propiciador de reconciliação da Igreja com a sociedade através dos jovens. Como vê este caminho que temos feito e que expectativas tem em relação à Jornada?

Pelo caminho que temos feito e a experiência deste período que precedeu a Jornada, houve experiências muito marcantes que cativaram os jovens, mesmo aqueles que nunca tinham estado

em contacto com a Igreja. Por isso, espero que seja um grande acontecimento de atração dos jovens, e que através deles se possa dar continuidade ao compromisso dos jovens dentro da Igreja. Os jovens que participarem num evento desta dimensão ficarão tocados e quererão certamente aprofundar mais este encontro e que, depois da experiência de um megagrupo, queiram fazer esse caminho em pequenos grupos. Hoje, já temos muitos grupos espontâneos que surgiram durante esta preparação e outros que já existem. Precisamos mesmo com urgência de lançar depois desta Jornada uma espécie de escola para formar animadores e pessoas que possam coordenar estes grupos. Temos de dar a hipótese das pessoas perderem o receio de estar em Igreja e sintam a missão como sua.

No pós-jornada precisamos de ter esta rede capilar nas paróquias; só assim o que foi semeado dará frutos.

Não corremos riscos de nos ficarmos pelo evento apenas?

De todo... Já muito foi feito e a semente vai medrar. No final, teremos um enorme celeiro, e há que semear de novo e fazer crescer o trigo, distribuí-lo e levá-lo a quem dele precisa.

Como encara este novo desafio como bispo residencial na diocese de Bragança-Miranda?

Disse sim de forma muito confiante, mas não deixo de ter

algum temor. É um lugar novo que tenho vindo a conhecer com o senhor D. José Cordeiro, que foi meu predecessor... O que me dá confiança é a ideia de ser fiel àquilo que o Papa nos pede: uma Igreja unida, mais sinodal, e depois uma Igreja em saída, mais samaritana. Julgo que em conjunto iremos encontrar o rumo que o Espírito Santo nos for indicando.

As sede vacantes têm sido muito longas... Seria preferível que a sede vacante fosse breve e que, havendo mudanças, o processo fosse em simultâneo para haver uma passagem de testemunho. Será isto que o Senhor Nuncio quererá, mas há circunstâncias que nós nem sempre conhecemos. Temos de ser todos diligentes...

Presidiu à peregrinação de junho em Fátima, uma oportunidade para colocar alguma intenção particular junto de Nossa Senhora...

Antes da minha ordenação episcopal, vim à Capelinha, e nos momentos decisivos na minha vida venho sempre aqui, este ano, com a particularidade de não estar só e, por isso, ter o privilégio de sentir o que somos: um povo que peregrina, que reza, que louva a Deus e que procura viver o Evangelho, mas acompanhados por uma Mãe. Isso dá-me a alegria de pedir a Nossa Senhora de Fátima a sua bênção e proteção.



Encontro de Pequenos Mensageiros Zona Centro – Fátima

Cátia Inês | Responsável Nacional do Setor dos Pequenos Mensageiros



A 29 de abril de 2023, realizou-se em Fátima o Encontro da Zona Centro, do Movimento da Mensagem de Fátima (MMF), com crianças e adolescentes. Fizerm-se representar as dioceses de Angra, Coimbra e Portalegre-Castelo Branco, com a participação de 27 Pequenos Mensageiros motiva-

dos a conhecer e a viver a história dos Pastorinhos e a Mensagem que Nossa Senhora veio trazer ao Mundo, em Fátima.

O dia teve início com o acolhimento junto ao Posto de Socorros, onde o grupo se reuniu para iniciar a fantástica viagem pela mensagem de Fátima. De segui-

da, junto da Capelinha das Aparições, foi tempo de fazer a oração da manhã e a consagração do dia a Nossa Senhora.

Dali, partiram em peregrinação para o lugar dos Valinhos, rezando a Via Lucis e contemplando a natureza envolvente, convidados a explorar os sentidos. Após um

breve lanche, foi tempo de visitar a casa dos Pastorinhos, em Aljustrel, onde puderam conhecer a Casa de S. Francisco e St.ª Jacinta Marto e a da Ir.ª Lúcia de Jesus.

O almoço, ao jeito dos Pastorinhos, convidou o grupo a fazer a experiência da “merenda” e da partilha e confraternização. Após

o almoço, foi tempo de conhecer um pouco da Mensagem de Fátima, através da 4.ª Aparição de Nossa Senhora, nos Valinhos, em agosto de 1917. Ali, junto à Sua Imagem, o grupo teve oportunidade de rezar a e com Maria, pelos pecadores, pela paz no mundo e pelas intenções do Santo Padre. Mais tarde, foi tempo de conhecer a Loca do Cabeço e de fazer como os Pastorinhos, rezando as orações que o Anjo lhes ensinou.

Pelas 16h30, na Capela do Calvário Húngaro, foi tempo de fazer companhia a “Jesus Escondido” na Hóstia Consagrada, com o acolhimento do padre Daniel Mendes, assistente nacional do MMF, momento muito aguardado por todos de adoração e de contemplação, no qual os pequenos mensageiros puderam rezar como os Pastorinhos e renovar o seu “sim” de oferta ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria.

José Duarte, responsável diocesano dos Pequenos Mensageiros de Angra, revelou que as crianças ficaram emocionadas com os Pastorinhos. Sendo tão pequeninos, aceitaram, sem hesitar, o pedido que a Senhora “mais brilhante que o Sol” lhes tinha feito. Refere, ainda, que ficaram marcados com a visita ao Santíssimo Sacramento e com a oportunidade de O adorar. Motivados a rezar mais e a fazer mais visitas a “Jesus Escondido”, regressaram na esperança de voltar a Fátima e repetir a experiência.

MMF rumo à JMJ Lisboa 2023

Secretariado Nacional MMF

Confiamos a N.ª S.ª de Fátima a visita do Papa Francisco a Portugal
Rezemos pelas JMJ Lisboa 2023

Nossa Senhora da Visitação, que partistes apressadamente para a montanha ao encontro de Isabel, fazei-nos partir também ao encontro de tantos que nos esperam para lhes levarmos o Evangelho vivo: Jesus Cristo, vosso Filho e nosso Senhor!

Iremos apressadamente, sem distração nem demora, antes com prontidão e alegria. Iremos serenamente pois quem leva Cristo leva a paz, e o bem-estar é o melhor bem-estar.

Nossa Senhora da Visitação, com a vossa inspiração, esta Jornada Mundial da Juventude será a celebração mútua do Cristo que levamos, como Vós outrora.

Fazei que ela seja ocasião de testemunho e partilha, convivência e ação de graças, procurando cada um o outro que sempre espera.

Convosco continuaremos este caminho de encontro, para que o nosso mundo se reencontre também, na fraternidade, na justiça e na paz.

Ajudai-nos, Nossa Senhora da Visitação, a levar Cristo a todos, obedecendo ao Pai, no amor do Espírito!

O Movimento da Mensagem de Fátima (MMF), como parte da Igreja que é, foi desafiado a envolver-se no maior evento da juventude que terá lugar de 26 a 31 de julho, nas várias dioceses do país, e de 1 a 6 de agosto, em Lisboa, sendo que, no dia 5 de agosto, teremos a alegria de acolher o Papa Francisco no Santuário de Fátima.

Desde o início do ano pastoral que os Mensageiros se empenharam na divulgação deste acontecimento. Já são vários os grupos de jovens inscritos para participarem, famílias de acolhimento e voluntários. Para além do envolvimento dos secretariados diocesanos nas paróquias e dioceses, o secretariado nacional estará presente em Lisboa, na Feira Vocacional que se realizará na Cidade da Alegria, mais precisamente em Be-

lém, no Jardim Vasco da Gama, junto ao Mosteiro dos Jerónimos, com um stand em parceria com o Apostolado Mundial de Fátima.

Uma outra forma de participação neste acontecimento é através da oração, pessoal e comunitária, presente desde a primeira hora, mas que desafiamos a intensificar neste último mês. Deste modo, sugerimos a toda a família dos Mensageiros, de modo particular aos grupos paroquiais que tenham a dinâmica do acolhimento da imagem de Nossa Senhora de Fátima em família, a incluírem na proposta de oração que acompanha os diversos oratórios a seguinte oração, com a intenção de rezar pela saúde do Santo Padre, o Papa Francisco, e pelo sucesso da Jornada Mundial da Juventude de Lisboa 2023.

Testemunhos sobre a vivência do retiro de doentes

Secretariado Nacional MMF

O Movimento da Mensagem de Fátima (MMF), desde a sua criação há 93 anos, tem como principal objetivo contribuir para que “a mensagem de Nossa Senhora seja conhecida e vivida como caminho para Deus e de graças para os homens”. Para tal, prestamos uma especial atenção à pastoral da oração, das peregrinações, dos doentes, dos jovens e das crianças.

De forma a cumprir a sua missão, o MMF, em parceria com o Santuário de Fátima e a Associação de Servitas de Fátima, realiza todos os anos encontros direcionados para os doentes. O público-alvo são os doentes físicos, em especial, do foro oncológico e cardíaco, pois são os mais recetivos à mensagem de esperança e de confiança que se procura transmitir. São, ainda, consideradas público-alvo as pessoas que passaram por momentos de crise espiritual, devido à perda de entes queridos.

Os participantes vêm de todos os meios e níveis de formação humana e espiritual. Os que fazem o retiro pela primeira vez são confrontados com a novidade, e nem sempre é fácil, até do ponto de vista do comportamento em grupo, cumprimento

de horários, hábitos alimentares, etc. Mas, ao longo dos 4 dias, a transformação é quase completa, amadurecem e, no final, são muito interessantes os testemunhos de terem encontrado entusiasmo, alegria, disponibilidade para aceitar a cruz e o desejo de quererem ficar mais tempo ou de voltar.

Partilhamos com todos os leitores alguns testemunhos dos participantes da diocese de Portalegre-Castelo Branco no retiro que decorreu de 25 a 28 de maio.

TESTEMUNHOS

“Começo por agradecer e dar os parabéns a toda a equipa diocesana, servita, médica e ao Sr. P. Daniel Mendes pelo maravilhoso acolhimento aos doentes. Sendo eu a mais jovem dos doentes, vim de coração cheio, enriquecida pela subida ao monte com todo o grupo. A reflexão da Santíssima Trindade, a Via-Sacra, toda a oração fortaleceram-me e preencheram o que me faltava. Que Nossa Senhora e os Santos Pastorinhos fortaleçam todos os necessitados”.

IRENE MARTINS ANTUNES



“Vimos agradecer a Nossa Senhora de Fátima todo o acolhimento e a paz que nos proporcionou neste encontro do retiro dos doentes. Em relação a este encontro, gostaríamos de agradecer ao Sr. P. Daniel, a todos os voluntários, enfermeira e médica, não esquecendo todos os que ficaram no nosso coração.

Vimos agradecer, do fundo do coração, as palavras dirigidas pelo assistente nacional do MMF. Muito obrigado.”

JOSÉ E HELENA CANILHO

“O retiro foi para mim uma experiência única. A relação entre o coração de Jesus e o coração de Maria deu-me uma

força espiritual, à qual quero dar continuidade, fazer crescer e reforçar no meu próprio coração.”

CLEMENTINA BARBOSA

“Para mim o retiro foram dias de paz, de conversão e de encontro pessoal com Jesus e Nossa Senhora. Obrigado.”

MARIA DE FÁTIMA LOURENÇO

What's Fatima – Crianças do Bom Sucesso aprendem com os Santos Pastorinhos

Secretariado Nacional MMF

Foi com muita alegria que o Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) abraçou o convite da paróquia do Bom Sucesso da Unidade Pastoral Figueira Rio, diocese Coimbra, para dar a conhecer um pouco mais da história dos Pastorinhos videntes de Fátima.

Cerca de 50 pessoas, das quais várias crianças, acompanhadas por pais, catequistas e avós passaram um dia de encontro, reflexão e convívio sob o tema “Caminhar com(o) Maria”. Afinal Fátima tem muito mais para oferecer do que podemos imaginar. Foi um tempo de aproximação interior através da Mensagem da Mãe.

A simplicidade, a vivacidade e a curiosidade infantil espelhada no rosto e nas perguntas destes pequenos Mensageiros de Nossa Senhora são sempre um desafio enriquecedor para quem participa, mas também para quem promove esta atividade. Houve ainda tempo para visitar a exposição permanente do Santuário

e até para comer um gelado.

No final do encontro era visível a alegria de todos os participantes, uma mãe afirmava: “Já vim a Fátima várias vezes e nunca tinha percebido tantos dos pormenores e locais que hoje foram visitados, explicados e vividos. De cada vez que regressar vou recordar-me deste dia e estar mais atenta.”

Deixamos o convite a todas as paróquias que queiram proporcionar esta mesma experiência a adolescentes e jovens das suas comunidades para que contactem o Secretariado Nacional ou os Secretariados Diocesanos do MMF. Poderão optar por um programa de 1 dia ou por um programa de 2 dias, temos disponível uma casa com capacidade para receber 14 adolescentes/jovens. O What's Fátima visa proporcionar momentos de vivência da espiritualidade da Mensagem deixada pela Senhora mais brilhante que o Sol aos Pastorinhos há pouco mais de um século e hoje a cada um de nós.



“Fátima tornou-se um lugar onde o Evangelho ressoa a partir dos pequeninos”

O padre Joaquim Ganhão afirmou que a peregrinação a Fátima é uma oportunidade de revitalização evangelizadora.

Carmo Rodeia

“Peregrinar a Fátima é ocasião para acolher este feliz anúncio do Evangelho, e partir daqui por caminhos novos de vidas iluminadas e transfiguradas, disponíveis para a construção de uma humanidade nova onde habita a justiça e a paz”, defendeu o diretor do Departamento de Liturgia no III Encontro na Basílica, deste ano pastoral, que decorreu na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, no dia 4 de junho.

O sacerdote refletiu sobre a peregrinação a Fátima e o mandato evangelizador a que este lugar convoca, a partir dos exemplos de Nossa Senhora e dos Pastorinhos.

Depois de uma interpelação inicial – “Como pode este lugar em que nos encontramos inspirar-nos para a missão de levar a alegria do Evangelho a toda agente?” – o padre Joaquim Ganhão percorreu os exemplos de Maria e dos Pastorinhos, em quem encontrou características inspiradoras para os peregrinos, para sublinhar a importância de Fátima como escola missionária.

“A Visitação de Maria, neste lugar, aos pequeninos libertou-os do medo e envolveu-os naquela Luz que é Deus, convidou-os a oferecerem-se a Deus, a entrarem na sua intimidade por meio da oração – rezai o terço todos os dias para alcançar a paz – a serem solidários com a situação do mundo e da Igreja – confiou-lhes uma mensagem de conversão, de penitência e reparação; uma mensagem de regresso a Deus, de misericórdia

e de ternura” afirmou o sacerdote.

“A vida destas três crianças mudou, como se tivessem crescido depressa e atingido aquela maturidade da fé que os leva a viver em Deus e a partir de Deus, a buscar na oração a Jesus escondido, a intercederem pelo Santo Padre, pela paz, pelos pecadores e a serem solidários com tantos que se recomendavam às suas orações”, destacou.

“Fátima tornou-se, desde então, um lugar onde o Evangelho ressoa a partir dos pequeninos que nos mostram como ele se pode acolher e transmitir. Podemos dizer que eles viveram para anunciar a Boa Nova”, disse ainda.

“A experiência da luz de Cristo vivida pelos três Pastorinhos nos encontros com Nossa Senhora continua a ecoar, hoje, em Fátima contagiando cada peregrino a ser portador dessa luz em cada ambiente do mundo moderno”, frisou.

“Nesta luz, percebemos que o desafio que nos é lançado a partir deste lugar, inspirados na mensagem que Nossa Senhora aqui nos deixou, e na fidelidade à Igreja, passa pela disponibilidade interior para levarmos a todos a alegria do Evangelho”, precisou.

Neste III Encontro na Basílica, seguiu-se um recital pelo Coro do Santuário, dirigido pelo seu maestro, Ricardo Luís Campos, e que contou com a participação de Sílvio Vicente, no órgão e de Yumiko Ishizuka, no saltério.

17 mil crianças rezaram em Fátima pelas melhoras do Papa Francisco

O Recinto de Oração da Cova da Iria voltou a encher-se de crianças da catequese das dioceses portuguesas, num colorido ímpar que anima sempre, em Fátima, a data de 10 de junho, Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas.

Carmo Rodeia



A primeira Peregrinação das Crianças pós-pandemia foi presidida pelo bispo das Forças Armadas e de Segurança, D. Rui Valério que, a partir do tema da Peregrinação – “Como Maria partilhar a alegria” –, refletiu sobre a alegria do amor.

“Dizer que alguém está feliz é o mesmo que dizer que essa pessoa ama e é amada”, afirmou o prelado do ordinariato castrense, desafiando todos os presentes a levarem de Fátima uma mensagem ao mundo: “Ama e serás feliz”.

A homília, feita em diálogo com as cerca de 17 mil crianças que formavam a assembleia, convidou a olhar para Maria que, de coração aberto, acolheu o anúncio do Anjo, ‘levantou-se e partiu apressadamente’ (Lc 1, 39) ao encontro da sua prima Isabel para lhe levar a luz da verdadeira alegria: a presença de Jesus.

“Se vocês perguntarem aos

vossos pais qual foi o dia mais feliz das suas vidas, eles, provavelmente, dirão que foi no dia em que receberam a notícia de que o filho vinha a caminho, porque um filho é uma bênção e uma enorme alegria”, afirmou D. Rui Valério. “E, a seguir, contaram isso a toda a gente porque estavam cheios de amor e de alegria”, acrescentou.

“Foi isso que os santos Francisco e Jacinta Marto sentiram quando a mãe do Céu os visitou e lhes disse que Jesus os amava e deveriam ser crianças alegres. Esta é também a mensagem que ela nos deixa hoje: onde há amor há alegria”. “Quando a alegria está no nosso coração, não queremos ficar com ela só para nós; sentimos necessidade de a levar a todas as outras pessoas”.

“Vamos levar a nossa alegria a todos, à cidade mais próxima, e vamos dizer àquelas pessoas que acham que a felicidade é ter muitas coisas que basta a

alegria de sermos amados e de amarmos”, disse ainda o bispo da diocese das Forças Armadas e de Segurança.

Durante a celebração, as crianças foram desafiadas a partilhar algumas das tarefas que desenvolveram durante o mês de maio, nomeadamente a criação de corações, que foram entregues a um grupo de 12 idosos de uma instituição de Fátima, o Lar de Santa Beatriz da Silva. No final da comunhão, foi distribuída a habitual “surpresa”, uma pequena imagem de Nossa Senhora.

Os peregrinos foram, ainda, brindados com um musical sobre as Aparições de Fátima. “Quadros de Lúcia: o início de Fátima” é o título do espetáculo que, com base nas memórias da vidente, recorreu à música, à dança e à representação para dar a conhecer a história das Aparições de Nossa Senhora aos Pastorinhos, na Cova da Iria.

D. Rui Valério presidiu à missa inserida no programa da 40.ª Peregrinação Militar Nacional a Fátima

Cátia Filipe



D. Rui Valério, bispo das Forças Armadas e de Segurança, presidiu à missa inserida no programa da 40.ª Peregrinação Militar Nacional a Fátima. Esta peregrinação, que começou com a Via Sacra nos Valinhos, findou com uma celebração, na Basílica da Santíssima Trindade.

O Ordinário Castrense, na palavra dirigida aos militares e peregrinos presentes na Eucaristia, falou de cansaço, pois “não há quem não sinta o peso do cansaço, e se sinta até oprimido pela constante presença

da guerra na Ucrânia que já faz parte do nosso dia-a-dia, obrigando-nos a assistir ao vivo a situações que revelam até onde pode chegar a maldade do ser humano para com os seus semelhantes”.

“Assistimos à destruição de escolas, hospitais, teatros, lares e creches, agora somos confrontados com demolição de barragens com vista à aniquilação de um país e do futuro de um povo”, acrescentou, considerando que hoje é comum a opressão através da “desordem ética que chegou

ao ponto de atingir algumas instituições”.

“Valores como a verdade, a justiça, e a integridade do ser humano, são pilares que hoje sucumbem sob o peso da opressão, da mentira, da corrupção e da injustiça”, alertou D. Rui Valério.

A Peregrinação Militar a Fátima é um das iniciativas mais marcantes da vivência religiosa para as Forças Armadas e de Segurança, onde todos os anos se juntam militares, polícias e civis, bem como as suas respetivas famílias.

D. Nuno Almeida convidou famílias a caminharem na “unidade e comunhão” e apelou a uma “nova cultura de serviço”

A Peregrinação Internacional de junho, marcada pelo mau tempo, terminou com dois apelos claros: um dirigido às famílias para que procurem viver em “unidade e comunhão” e outro aos jovens para que apostem numa “nova cultura do serviço”.

Carmo Rodeia

Nas duas homilias proferidas nas celebrações em Fátima, o prelado, eleito bispo titular da diocese de Bragança-Miranda, onde entrou no dia 25 de junho, partiu do lema do ano pastoral do Santuário – “Maria levantou-se e partiu apressadamente” –, que sintoniza a Cova da Iria com a Jornada Mundial da Juventude de Lisboa, e lembrou o exemplo de Maria para abordar as famílias e os jovens.

“Deixamos de ter vida se não nos levantarmos e pusermos a caminho constantemente, independentemente de sermos corredores de alta competição ou de estarmos fisicamente limitados pelas mais diversas razões. A vida é um contínuo levantar-se e pôr-se a caminho. O levantar-se de Maria é um convite a transformar solidões egocêntricas em gestos de comunhão”, explicou D. Nuno Almeida durante a Eucaristia, no dia 13.

O prelado quis ter presentes os “desgostos e sofrimentos das famílias”, marcadas pela “doen-



ça, pelas dificuldades económicas, uma dívida, uma injustiça, algum rancor, uma desgraça, um fracasso na educação dos filhos, algum desgaste nos relacionamentos”, e indicar a forma como “Maria, José e Jesus enfrentaram as adversidades e as provações”.

“É assim que se enfrentam as provas da vida: em unidade, em comunhão. Sozinhos surge a an-

gústia. Em conjunto, ajudamo-nos, encorajamo-nos uns aos outros, reencontra-se a confiança”, indicou.

Na véspera, na Vigília, afirmou que só uma nova “cultura do serviço” pode contrariar as tentações do “individualismo e do comodismo”, apontando a JMJ Lisboa 2023.

“A disponibilidade para servir

é a condição que torna possível ao Senhor transformar a nossa vida e humanizar o nosso mundo, a partir do nosso pequeno contributo, da nossa vida, do nosso grupo, da nossa casa, da nossa família. Urge, em tempos em que predominam tentações para o individualismo e o comodismo, promover uma cultura do serviço”, assinalou o presi-

dente da peregrinação internacional aniversária de junho.

“Convidamos os jovens a imitar Maria, a levantarem-se e a partirem, não adiando a decisão de participarem na Jornada Mundial da Juventude e a fazerem a sua inscrição os mais depressa possível”, declarou.

“Para prepararmos bem este acontecimento, é preciso aprendermos de Maria – que se levanta e parte, decididamente, para servir Isabel – a pormos em prática um amor solícito, concreto, cheio de audácia e projetado para o dom de nós mesmos. Uma família, uma paróquia, uma comunidade, um movimento ou a Igreja no seu todo inspirada por estas qualidades marianas será sempre uma Igreja em saída, que ultrapassa os seus limites e confins, para fazer transbordar em abundância a graça recebida!”.

Nesta peregrinação participaram 39 grupos, que se inscreveram nos serviços do Santuário, provenientes de 13 países.

Visita temática à exposição temporária percorreu as contas da história e tradição do fabrico de terços na região de Fátima

Purificação Reis foi a oradora convidada da segunda temática à exposição “Rosarium: Alegria e Luz, Dor e Glória”.

Diogo Carvalho Alves

A visita temática à exposição temporária do Santuário “Rosarium: Alegria e Luz, Dor e Glória” foi dinamizada por Purificação Reis, que percorreu a histórica tradição do fabrico de terços na região de Fátima. A oradora, ligada desde a infância a esta dinâmica, partilhou com a plateia as memórias pessoais da confeção de terços, complementadas com testemunhos de pessoas e profissionais da área dos artigos religiosos da região, que coligiu.

A também presidente da ACISO – Associação Empresarial Ourém-Fátima –, começou por destacar a importância do terço na devoção de Fátima, para, de seguida, destacar o grande número de logistas



da Cova da Iria que são naturais de lugares da periferia, onde o fabrico deste objeto devocional terá surgido como “ganha-pão das famílias locais”.

A apresentação foi encadeada com imagens da produção artesanal de terços no ambiente da lavoura da serra de Aire. Na projeção foram mostrados diferentes tipos

de terços, feitos com: sementes de alfarroba; nós de fio de seda e caroços de azeitona, que, contou a oradora, tinham a particularidade de apenas serem usados depois de digeridos pelos animais dos rebanhos que pastavam no campo, com a intuito de, assim, ganharem uma aparência brilhante.

De uma recolha que fez junto de pessoas da região, entre os 60 e os 90 anos de idade, a oradora sintetizou algumas estórias da tradição da produção e venda de terços: uma ocupação que tem envolvido diferentes gerações nas imediações de Fátima. Purificação Reis recordou o esforço feito pelos artesãos locais em fortalecer a sua posição no mercado destes bens

com a criação das primeiras fábricas de artigos religiosos, em 1959 e 1962, quase meio século após as aparições.

A presidente da ACISO falou da ligação pioneira da sua família ao fabrico deste artigo devocional, partilhando algumas memórias do ambiente que guarda do fabrico de terços, na sua casa e nos lares vizinhos, lugares onde estes artigos eram feitos por rapazes e raparigas, à luz de candeias. “O enxoval de muitas jovens era feito com os ganhos da venda de terços”, contou, ao constatar uma dinâmica que, ainda hoje, se assume como “um interessante complemento para algumas famílias” da região.

Purificação Reis concluiu a apresentação destacando a diversidade e criatividade que pode estar envolvida no fabrico de terços, ao partilhar fotos da produção dos terços dedicados à Jornada Mundial da Juventude de Lisboa.

Como habitualmente, o encontro iniciou com uma visita guiada pelo diretor do Museu do Santuário de Fátima à exposição “Rosarium: Alegria e Luz, Dor e Glória”, que, até à data, já foi visitada por 75 mil pessoas. Marco Daniel Duarte deixou, na conclusão, o convite para a próxima visita temática, que acontece a 7 de julho, sob o tema “Psalterium: sobre a criação, sobre a execução e sobre a exposição”, orientada por Ana Bonifácio.

Lúcia, o padre Cruz e Fátima

“Um sacerdote de Lisboa sobe a um púlpito improvisado e com voz sonora e vibrante profere durante o introito os artigos do Credo que o povo repete com calor e entusiasmo, numa sentida e tocante profissão de fé. Em seguida principia a recitação do terço. Já não são grupos isolados que rezam. É a oração uníssona da multidão, o rumor fremente de um verdadeiro oceano d’almas. São dezenas de milhares de bocas que erguem as suas vozes para o céu fundindo-as numa prece coletiva à gloriosa Rainha do Rosário. Ouve-se de novo o som da campainha. É o toque de Sanctus [...]. Durante cerca de meia hora discorre com eloquência apostólica sobre a devoção à Virgem do Rosário e encarece a necessidade da oração e da penitência. Concluída a prática, muitos peregrinos retiram. Mas a maior parte deles tem dificuldade em arrancar-se daquele cantinho do Céu [...].”

O relato circunstanciado no jornal Voz da Fátima de novembro de 1922, a segunda edição do periódico que havia sido criado para ajudar a difundir e a recolher factos sobre o acontecimento relatado pelos Pastorinhos e cuja veracidade estava ainda a ser averiguada pela Igreja, é a primeira de muitas referências que o jornal iria fazer à figura do padre Cruz, “um sacerdote de Lisboa”, que tinha sido convidado pelo bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, para pregar na Cova da Iria a 13 de outubro de 1922.

A ligação entre Fátima e o “padre dos pobres”, como é conhecido e identificado no último livro dado à estampa pela pena das jornalistas Ana Catarina André e Sara Capelo, com a chancela da Oficina do Livro, começa muito antes das aparições quando em maio de 1913, quatro anos antes das aparições, intercede pela comunhão de Lúcia de Jesus, a “menina de seis anos” a quem “levou à sacristia”, porque a sentia desolada por não ter sido autorizada a comungar. Depois de falar com ela sobre a Eucaristia e outros temas da doutrina, o sacerdote terá intercedido junto do pároco de Ourém para que ela o pudesse fazer, o que aconteceu no dia seguinte, a 30 de maio de 1913.

O sacerdote haveria de se cruzar com Lúcia muitas outras vezes, tal como com os primos, Francisco e Jacinta, imediatamente depois da primeira aparição, quando, acompanhado do padre Joaquim Mourão (Torres Novas), falou com eles.

Segundo a documentação consultada pelas jornalistas, o sacerdote de Lisboa tinha como intenção confessar as três crianças que, sabendo da sua fama de santidade, à mistura com algumas capacidades de adivinhação, achavam que ele, sendo tudo isso, “saberia que eles falavam verdade”. Acabaram por ser os cicerones dos dois sacerdotes, levando-os até à zona da carrasqueira onde Nossa Senhora lhes tinha aparecido, e, nesse percurso, o padre Cruz foi-lhes ensinando algumas jaculatórias que a pequena Jacinta haveria de repetir: “Ó meu Jesus, eu vos amo” e “Doce Coração de Maria, sede a minha salvação”, como é contado mais tarde por Lúcia. Aliás, a vidente de Fátima haveria de contar mais tarde que o próprio Francisco dizia que “Aquele padre velhinho é

que sabe rezar bem! Os outros que cá vêm não sabem assim. É porque este é que é santo”.

A ligação do padre Cruz a Fátima foi longa, e, pode afirmar-se, que este foi também um divulgador da mensagem de Fátima, como referem as duas jornalistas no livro Padre Cruz o Santo do Povo. Existiu não só uma ligação afetiva às crianças e a todos os peregrinos mas à própria mensagem ali deixada por Nossa Senhora.

Em fevereiro de 1918, uns meses depois da primeira visita aos três Pastorinhos, que, segundo Lúcia, haveria de se repetir por mais quatro ocasiões (a primeira foi logo a seguir à primeira aparição), o padre Cruz encontrou-se com um eminente jornalista, em Lisboa, que lhe terá perguntado, em tom irónico, se na deslocação a Fátima teria visto o Milagre do Sol, ao que ele respondeu: “Não, não vi. Não estava lá, mas [...] tenho enxugado tantas lágrimas a bailarem nos olhos de tantas dezenas de pecadores arrependidos, sob o impulso do milagre de Fátima, que pouco se me dá acreditar que o sol tenha bailado”.

Numa carta dirigida ao bispo de Leiria, em 1929, o padre Manuel Nunes Formigão, redator do relatório da Comissão Canónica de Fátima, citava-o para descrever a crescente relevância de Fátima: “[...] A onda sobe, dizia-me ontem o santo Dr. Cruz, e é bem verdade. Fátima já não é uma fonte de graças só para Portugal, mas para o mundo inteiro”.

Há relatos de que todos os anos da sua vida, o padre Cruz tenha feito ou organizado peregrinações diversas à Cova da Iria. Uma delas com um grupo de 600 pessoas que saiu do Porto, da Igreja de Paranhos.

Numa das entrevistas que concedeu, já perto do final da sua vida, o padre Cruz descrevia Fátima como “a terra da oração e da caridade”. E dizia, com naturalidade, “sabe bem rezar na Cova da Iria”. A celebração do sacramento da reconciliação, ao maior número de pessoas possível, era o seu principal designio. “Há tantas almas que lá vão carregadinhas de angústias e segredos [...] Lançar-lhes a mão, ampará-las no desejo de se reerguerem, enchê-las de Deus – que consolação maior pode haver para o coração de um padre?”.



Padre Cruz em Fátima, em 1939.

O Papa João Paulo I: a visita a Fátima e o encontro com Lúcia

Dos 33 dias de papado de João Paulo I não há registo de qualquer posição relativamente a Fátima, mas, enquanto Patriarca de Veneza, o cardeal Albino Luciani esteve em Fátima em 10 de julho de 1977, cerca de um ano antes de ter sido eleito Papa (26 de agosto de 1978), presidindo a uma peregrinação de cerca de 50 italianos da região veneziana.

Carmo Rodeia

Segundo o relato do jornal Voz da Fátima, o cardeal recordou a presença anterior de João XXIII em Fátima, também enquanto Patriarca de Veneza, e, na breve saudação aos peregrinos, apelou ao cumprimento da mensagem de Fátima – penitência e oração, especialmente a recitação do terço – e à observância do Evangelho.

No dia seguinte à visita à Cova da Iria, o futuro Papa João Paulo I teve um encontro no Carmelo de Coimbra com a Irmã Lúcia.

De origens humildes, nascido no norte da Itália, a 17 de outubro de 1912, o beato da Igreja Católica ficou conhecido, sobretudo, pelo seu curto pontificado, de 33 dias, em 1978.

A simplicidade, a proximidade com os pobres, a defesa da transparência, dentro e fora da Igreja, são pontos essenciais na vida do Papa João Paulo I, que recusou a coroação formal, adotou um estilo coloquial e não quis ser carregado na cadeira gestatória.

A vida de Albino Luciani ficou marcada pela sua ligação ao norte da Itália, onde nasceu, e aos dois Papas que o precederam no pontificado: João XIII nomeou-o bispo de Vittorio Veneto, em 1952, incluindo-o entre os padres do Concílio Vaticano II; Paulo VI escolheu-o como Patriarca de Veneza, em 1970, e criou-o cardeal, três anos depois. O homem que viveu o Concílio Vaticano II e a revolução social, como bispo e patriarca, ficou também conhecido por escrever cartas a personagens do passado, reais ou de ficção – como Pinóquio.

O novo beato foi visto como uma figura de Igreja capaz de transmitir conceitos importantes com palavras simples e provocadoras, tendo deixado no seu último discurso dominical, a 24 de setembro de 1978, aquele que é considerado o seu testamento espiritual.

“O amor será sempre vitorioso, o amor tudo pode. Eis a



Cardeal Albino Luciani em Fátima. Fotocomposição a partir do único registo fotográfico existente em arquivo.

palavra certa: não é a violência que tudo pode, mas é o amor que tudo pode. Peçamos ao Senhor a graça de que uma nova onda de amor para com o próximo invada este pobre mundo”, pediu então.

A convite de uma revista italiana, o cardeal patriarca de Veneza, que visitara Fátima e Coimbra a 10 e 11 de julho de 1977, escrevia assim sobre as impressões que a Cova da Iria e, sobretudo, a conversa com a Irmã Lúcia no Carmelo de Coimbra, no dia seguinte, lhe tinham deixado:

“A Irmã Lúcia tem 70 anos, mas suporta-os bem, assegurou-me ela própria sorrindo [...] a jovialidade, o falar expedito, o interesse apaixonado que revela, ao falar, por tudo aquilo que diz respeito à Igreja de hoje com os seus graves problemas, mostram a sua juventude espiritual. O português compreen-

do-o mais ou menos bem, por ter estado algumas semanas no Brasil; mas mesmo que ignorasse completamente a língua, eu teria compreendido, do mesmo modo, que ela insistia comigo sobre a necessidade de termos hoje cristãos e sobretudo seminaristas, noviços e noviças decididos a entregar-se a Deus sem reservas. Falava-me com muita energia e convicção de ‘freiras, padres e cristãos de cabeça firme’; radical como os santos: ‘ou tudo ou nada’, se se quer ser de Deus a sério. A Irmã Lúcia não me falou das aparições. Perguntei-lhe alguma coisa sobre a famosa ‘dança do sol’. Não a viu. Setenta mil pessoas durante 10 minutos seguidos, em 13 de outubro de 1917, viram o sol tomar várias cores, girar sobre si mesmo três vezes e depois precipitar-se velozmente para a terra. Lúcia, com os dois companheiros, via,

ao mesmo tempo, junto ao sol imóvel a Sagrada Família e, em quadros sucessivos, a Virgem como Nossa Senhora das Dores e como Nossa Senhora do Carmo. Chegados a este ponto alguém perguntará: então o Cardeal interessa-se por revelações privadas? Não saberá ele que o Evangelho contém tudo? Que as revelações mesmo aprovadas não são artigos de fé? Sei isso muito bem. Mas artigo de fé contido no Evangelho é também estoutro: Sinais acompanharão aqueles que creem. (Mc 16, 17). Se hoje se tomou moda perscrutar os sinais dos tempos, que assistimos a uma inflação e praga de ‘Sinais’ creio seja lícito referir-me ao sinal de 13 de outubro de 1917 atestado por anticlericais e incrédulos. E, por detrás do sinal, é oportuno atender às coisas contidas naquele sinal. Quais?

PRIMEIRO:

Arrepende-se dos próprios pecados e evitar ofender mais o Senhor.

SEGUNDO:

Rezar: a oração é meio de comunicação com Deus mas os meios de comunicação entre os homens (TV, Rádio, Cinema, Imprensa) hoje prevalecem descaradamente e parecem querer pôr de lado totalmente a oração [...]

TERCEIRO:

Recitar o Rosário [...]

QUARTO:

O Inferno existe e podemos cair nele. Em Fátima, Nossa Senhora ensinou esta oração: “Ó meu Jesus perdoai-nos e livrai-nos do fogo do Inferno, levai as almas todas para o Céu”. Neste mundo há coisas importantes mas nenhuma mais importante do que merecer o paraíso com uma vida boa. Não é Fátima a dizê-lo, mas sim o Evangelho [...]” (Voz da Fátima, 13 de setembro de 1978).

O mundo Em Fátima

A paz e a liberdade religiosa



A perseguição, mais ou menos violenta, por razões religiosas toca praticamente todos os continentes. Os meses de maio e junho ficam assinalados tragicamente em vários países da Ásia. Pela sua dimensão, destacam-se os acontecimentos que tiveram lugar no nordeste da Índia, no Estado de Manipur, onde um conflito entre a etnia Meitei, maioritariamente de religião hindu, e a etnia Kuki, prevalentemente cristã, se tornou progressivamente num fenómeno de violência em que o fator religioso se tornou determinante.

Dom Dominic Lumon, arcebispo de Imphal, a capital deste Estado, em declarações de meados de junho, denunciou o silêncio das autoridades políticas, nacionais e locais, que consente a onda de violência que durava já há mês e meio: “As violências e os incêndios continuam sem cessar [...] perderam-se vidas preciosas, casas e aldeias incendiadas ou destruídas, bens vandalizados e saqueados, lugares de culto profanados e queimados.” As mortes são mais de cem já confirmadas, mas temem-se muito mais. “Cada uma das mais de 200 aldeias Kuki viram uma ou mais igrejas atacadas. E também todas as cerca de 249 igrejas dos cristãos Meitei foram destruídas nas primeiras 36 horas do início das violências”. Já não se trata, pois, apenas de um conflito interétnico. O Arcebispo denuncia: “Há histórias de Meitei cristãos que sofrem ameaças se não retornam à religião originária e de pastores [a maioria dos cristãos são protestantes] que são intimados a não reconstruir as igrejas destruídas”.

Nestes incidentes sangrentos da Índia, como em muitos outros um pouco por todo o lado, pode perceber-se quão trágica se pode tornar a situação para as minorias religiosas, quando o nacionalismo político instrumentaliza a religião dominante e tradicional. É lá longe, no Extremo-Oriente, poderemos pensar, descansados. Mas não deveríamos antes tentar perceber o que se passa bem mais perto e interrogarmo-nos sobre que papel terão as religiões no futuro próximo da humanidade que vive um período convulsivo de recomposição/imposição de novos (des)equilíbrios mundiais e regionais? A mensagem universalista de Fátima, um lugar global, assim no-lo pede.

“Não são doenças, são pessoas!”

O projecto da Cruz Vermelha Portuguesa “Ambulância Mágica”, que satisfaz desejos de pessoas com doenças avançadas e incuráveis em fase de tratamento paliativo, regressou ao Santuário de Fátima, no passado dia 13 de junho, para satisfazer o desejo de Maria do Céu, de 54 anos, doente de esclerose, que quis vir à Cova da Iria participar numa Missa antes que a doença lhe roube a capacidade de sentir o momento em toda a plenitude.

Diogo Carvalho Alves

A Ambulância Mágica estaciona junto ao Posto de Socorros do Santuário quando faltam poucos minutos para o meio-dia. No Recinto de Oração, decorre a Missa Internacional Aniversária de 13 de julho, onde os doentes recebem a bênção, na Colunata. Maria do Céu ainda está no interior do veículo, onde a enfermeira Daniela Dias e a médica Sara Marques, da equipa comunitária de suporte em cuidados paliativos, a preparam para que possa cumprir o desejo especial de regressar à Cova da Iria e participar numa celebração. As tias de Maria do Céu, suas cuidadoras, estão prestes a chegar àquele ponto de encontro. “Está quase”, informam os socorristas da Cruz Vermelha José Amado e Marta Batista, que conduziram a ambulância de Viseu até à Cova da Iria. O dia começou cedo e foi uma longa viagem, mas o serviço voluntário cumpre-se com um sorriso no rosto.



“Vivemos isto como uma missão. Não são doenças, são pessoas que, apesar das suas limitações, ainda conseguem expressar o que querem e mostrar a gratidão pelo cuidado que recebem”, diz a socorrista, Marta, ao descrever a leveza e serenidade que evidenciam as pessoas a quem viu serem satisfeitos os últimos desejos, no âmbito da Ambulância Mágica.

O desejo de Maria do Céu era o de poder regressar à Cova da Iria. Ainda há um ano andou pelo Recinto de Oração, mas, nos últimos meses, o avanço rápido da doença degenerativa incapacitou-a nos movimentos e na fala. Não consegue comunicar pela palavra dita, mas a felicidade e a ansiedade são evidentes quando é retirada de maca da ambulância e avista a torre sineira da Basílica de Nossa Senhora do Rosário.

“Estás feliz?”, pergunta a enfermeira, Daniela, que, em resposta, recebe o sorriso possível e um abraço prolongado.

Há poucos meses, quando Maria do Céu ainda conseguia comunicar pela escrita, através de um tablet, as últimas palavras que conseguiu escrever foi para expressar gratidão pelo cuidado que tem recebido. “Eu amo-vos”, digitou numa mensagem às tias Celeste e Maria Helena, que têm assumido o papel de suas cuida-

doras permanentes.

“Eu e a minha irmã unimo-nos e damos-lhe a medicação, cuidamos-lhe da higiene e conversamos e brincamos muito com ela, que faz questão de nos agradecer muitas vezes, com beijos e abraços”, conta a tia Celeste. José Melo, o marido, garante que é esta união e atenção que “tornam os dias mais leves”.

“Vivemos em comunidade e sempre nos amparamos uns aos outros. Nesta situação, ainda mais. Não lhe falta nada. Não fosse o nosso ânimo e união e a doença já estaria mais avançada, não duvido! Nesta condição, o essencial é o amor da família”, assegura o tio.

A enfermeira, Daniela, que já conhece a família de longa data, não hesita em adjectivar as tias e os tios de “cuidadores de excelência” e em considerar o cumprimento deste desejo “tão importante como o controlo de sintomas”.

“Nestas situações em que a pessoa se consciencializa com a finitude existem muitas necessidades para além das físicas, nomeadamente: as psicológicas, as

emocionais e as espirituais. Muitas vezes, neste caminho de fim de vida, a principal inquietação é não poder cumprir algumas tarefas. No caso da Maria do Céu, que é uma pessoa de fé que encontra em Fátima um sentido, era importante deixá-la aqui regressar, para se poder despedir”, avalia a médica, Sara Marques, comprovando os benefícios destas oportunidades para a serenidade e o bem-estar das pessoas com doenças avançadas e incuráveis em fase de tratamento paliativo.

A missão de fazer alguém feliz

Maria do Céu entra no Recinto já no final da Missa. De maca, na companhia dos seus cuidadores, é levada pelos socorristas para bem perto do corredor central, a meia distância da Capelinha das Aparições, para dali poder dizer adeus à imagem da Virgem do Rosário que vai passar. À primeira estrofe do “Adeus de Fátima”, a ansiedade e alegria convertem-se em lágrimas no rosto de Maria do Céu e daqueles que a

rodeiam. Não conseguiu estar presente na bênção dos doentes, mas acena agora o lenço branco com o ânimo de quem recebe uma bênção maior.

O andor com a Imagem chega finalmente à Capelinha e o adeus derradeiro faz aumentar a emoção. Maria do Céu não contém a alegria e partilha-a com quem estão ao seu redor em longos abraços.

“Este projeto faz-nos centrar na pessoa e não apenas na doença. É uma oportunidade que nos

traz uma parte profissional e pessoal, mas sobretudo a gratidão e satisfação de podermos cumprir a missão de fazer alguém feliz”, garantem Daniela e Sara.

Da última vez que veio ao Santuário, Maria do Céu percorreu os espaços do Santuário, celebrou, comungou e agradeceu, junto à imagem de Nossa Senhora de Fátima e, no regresso, partiu feliz. Desta vez, veio apenas dizer adeus, mas regressou em paz.

AGENDA julho

23 dom

DIA MUNDIAL DOS AVÓS E DOS IDOSOS

26 qua

S. JOAQUIM E S. ANA, PAIS DA VIRGEM SANTA MARIA MEMÓRIA

DIAS NAS DIOCESES JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE LISBOA 2023 (26-31)

31 seg

S. INÁCIO DE LOIOLA, PRESBITERO - MEMÓRIA

agosto

1 sáb

JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE LISBOA 2023 (1-6)

Consulte a última edição do boletim internacional online Fátima Luz e Paz em www.flp.fatima.pt.

Editado trimestralmente em sete línguas, o Fátima Luz e Paz constitui um eixo de conexão entre o Santuário de Fátima e o Culto de Nossa Senhora de Fátima no Mundo.



FÁTIMA LUZ e PAZ

Santuário recebe quase cinco milhões de peregrinos em 2022 e regista subida dos donativos

Na encounter com os heterónimos da Cruz da Iria, o trabalho perpetua a Jornada Mundial da Juventude de Lisboa, e visita do Papa e a oportunidade para projetar Fátima.

Em 2022, mais de 4,8 milhões de peregrinos visitaram o Santuário de Fátima, um recorde histórico. O número de doações registadas no ano de 2022 foi de 17,7 milhões de euros, um aumento de 10% em relação ao ano anterior. O boletim internacional online Fátima Luz e Paz, editado em sete línguas, constitui um eixo de conexão entre o Santuário de Fátima e o Culto de Nossa Senhora de Fátima no Mundo.